



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

NATHÁLIA GIBSON DE FREITAS LEVY

**SOB O OLHAR DE UMA MÃE: um estudo de caso sobre a socialização de uma criança
negra e a construção de sua identidade étnica em uma família inter-racial**

CAMPINA GRANDE
2024

NATHÁLIA GIBSON DE FREITAS LEVY

SOB O OLHAR DE UMA MÃE: um estudo de caso sobre a socialização de uma criança negra e a construção de sua identidade étnica, em uma família inter-racial

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Ciências Sociais do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Laurentino de Sales Junior

**CAMPINA GRANDE
2024**

NATHÁLIA GIBSON DE FREITAS LEVY

SOB O OLHAR DE UMA MÃE: um estudo de caso sobre a socialização de uma criança negra e a construção de sua identidade étnica, em uma família inter-racial

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Ciências Sociais do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais.

Aprovado em 04 de junho de 2024

Banca examinadora:

Prof. Dr. Ronaldo Laurentino de Sales Júnior (Orientador – UACS/UFCG)

Profa. Dra. Mercia Rejane Rangel Batista (Examinadora Interna – UACS/ UFCG)

Profa. Dra. Tania Regia Filgueiras de Oliveira (Examinadora Interna – UACS/ UFCG)

CAMPINA GRANDE

2024

L668s

Levy, Nathália Gibson de Freitas.

Sob o olhar de uma mãe: um estudo de caso sobre a socialização de uma criança negra e a construção de sua identidade étnica, em uma família inter-racial / Nathália Gibson de Freitas Levy. – Campina Grande, 2024.
57 f.

Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação: Prof. Dr. Ronaldo Laurentino de Sales Júnior".

Referências.

1. Padrões Culturais. 2. Socialização. 3. Racismo. 4. Identidade Étnica.
5. Famílias Inter-raciais. I. Sales Júnior, Ronaldo Laurentino de. II. Título.

CDU 316.614-054(043)

AGRADECIMENTOS

Realizar esse trabalho teve um papel muito significativo para mim enquanto pessoa negra. A cada momento que eu ia avançando na pesquisa era como se eu tivesse me descobrindo um pouco mais e sempre me colocando a pensar sobre situações em que vivenciei. Esse trabalho acabou sendo mais íntimo para mim do que imaginava, já que também fui adotada por pais brancos, apesar de ter uma experiência totalmente diferente enquanto crescia. Ao entrar no curso de Ciências Sociais, minha perspectiva sobre vários assuntos mudou, mas em especial, eu mudei. Passei a me reconhecer como pessoa negra, aprender mais sobre a minha negritude. Então realizar esse trabalho para finalização do curso é deveras significativo. Mas nessa trajetória tiveram pessoas que contribuíram para eu estar onde estou hoje.

Aos meus pais Nadja e Marcos, por sempre me encorajarem a seguir meus sonhos independente de quais fossem e por nunca desacreditarem do meu potencial.

Ao meu namorado, Kaio, nossos caminhos se cruzaram na universidade e desde então sou grata por te ter comigo no dia-dia, sempre me incentivando e acreditando em mim mesmo quando eu não acreditava. Constantemente aprendo coisas novas ao seu lado e que bom é poder crescer com alguém como você ao meu lado.

Ao meu querido amigo que fiz na graduação e pretendo levar para toda vida, Yan, sou grata pelas nossas trocas diárias e pela forma que você sempre abre minha mente para novas possibilidades me incentivando a tentar caminhos novos.

À minha amiga Britney, por ter feito parte do início da minha graduação e sempre ter se feito presente mesmo de longe, sempre ficando feliz por cada conquista minha e sempre acreditando no meu potencial.

Aos amigos que fiz na graduação, Luiz Felipe, Lucas, Felipe Braga, Cecília, Paloma, Dani, sou grata por cada momento que compartilhamos no decorrer do curso desde os momentos de descontração à trocas de conhecimento.

Ao meu orientador Ronaldo, que desde o início, quando falei sobre a minha pesquisa, topou fazer parte. Sem dúvidas essa pesquisa não poderia ter acontecido sem você. Sou grata por toda a dedicação e empenho que você me prestou, por ser didático durante o processo de escrita e sempre me incentivar ao meu melhor.

À minha amiga Mayara, sou grata pela sua amizade e por sempre demonstrar apoio durante todo o meu curso, sempre ficando feliz pelas minhas conquistas.

À minhas amigas da escola, Hannah, Brena, Karol, Maria Fernanda, Renally, Victoria, sou grata por todos esses anos de amizade e apesar da distância sempre se mostraram presentes em cada etapa de minha vida.

Aos meus professores da graduação, que dividiram um pouco de seu conhecimento comigo e contribuíram para que fosse possível a realização deste trabalho. Em especial professores que marcaram minha graduação como o professor Fábio Machado e a professora Roseli Corteletti.

Por fim, sou grata a todos que contribuíram de alguma forma para que eu estivesse onde estou hoje.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender mais sobre famílias inter-raciais, como são formadas e de que forma podem impactar na vida de uma criança em formação. Dessa forma, o foco do estudo será entender como ocorre a socialização de uma criança negra dentro de uma família inter-racial, especificamente uma criança que foi socializada por pais brancos: de que forma essa relação pode influenciar na formação de seus valores, crenças e habilidades sociais, além de investigar como o racismo estrutural interfere dentro dessas relações e identificar como a criança lida com a formação de sua identidade étnico-racial. A metodologia utilizada foi uma abordagem qualitativa, juntamente com a revisão da literatura sobre relações étnico raciais no Brasil. Foi feito um estudo de caso de uma família inter-racial de Campina Grande - PB. A pesquisa foi realizada a partir de entrevistas que revelavam o olhar da mãe desta família, assim como relatos que sua filha fez a ela. Através da entrevista, foi possível perceber que, ao sofrer alguns casos de racismo, a menina começa a não aceitar mais seu próprio corpo, a rejeitar aquilo que faz parte da negritude, ao mesmo tempo em que seus familiares tentam fazer de tudo para livrá-la daquela dor, indo atrás dos responsáveis para obter algum tipo de punição. Porém, a menina ainda está crescendo, e está sempre em busca de pessoas que se assemelham a ela, buscando essa construção do “eu” enquanto menina negra dentro de uma família majoritariamente branca.

Palavras-chave: Padrões Culturais; Socialização; Racismo; Identidade étnica; Famílias inter-raciais.

ABSTRACT

The present work aims to understand more about interracial families, how they are formed, and how they can impact the life of a child in formation. Therefore, the focus of the study will be to understand how the socialization of a black child occurs within an interracial family, specifically a child who was socialized by white parents: how this relationship can influence the formation of their values, beliefs and social skills, in addition to investigating how structural racism interferes within these relationships and identifying how children deal with the formation of their ethnic-racial identity. The methodology used was a qualitative approach, together with a review of the literature on ethnic-racial relations in Brazil. A case study was carried out on an interracial family from Campina Grande - PB. The research was based on interviews that revealed the perspective of the mother of this family, as well as reports that her daughter made to her. Through the interview, it was possible to see that, after suffering some cases of racism, the girl begins to no longer accept her own body, to reject what is part of her blackness, at the same time that her family members try to do everything to free her. of that pain, going after those responsible to obtain some type of punishment. However, the girl is still growing, and is always looking for people who resemble her, seeking this construction of “self” as a black girl within a mostly white family.

Keywords: Cultural patterns; Socialization; Racism; Ethnical identity; Interracial families.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1 Metodologia.....	12
2. NEGRO, NEGRINHO, MESTIÇO, MULATO	16
2.1. Raça ou etnicidade?	16
2.2. Desenvolvimento das relações étnico-raciais no Brasil	20
2.3. Posição atual do negro na sociedade	24
3. FAMÍLIAS INTER-RACIAIS: O QUE É E COMO SÃO FORMADAS?	29
3.1. O papel da família no processo de socialização	30
3.2. Padrões Culturais.....	33
3.3. Identidade Étnica	34
4. “MÃE, EU SOU DIFERENTE DA SENHORA, PORQUE A SENHORA SEMPRE SERÁ BRANCA”	38
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	52
ANEXOS	54

1. INTRODUÇÃO

Analisando a história brasileira, é possível verificar o aumento de famílias inter-raciais no país. Embora o Brasil seja um país que possui diversas etnias, isso não explica a formação das famílias inter-raciais. Essa miscigenação acontece desde o século XVI, com a junção dos indígenas que já habitavam o Brasil Colônia, e depois com a chegada dos colonizadores europeus, que trouxeram também os africanos para serem escravizados. O país ficou marcado pela diversidade de etnias e culturas tão distintas. Na época, essas relações eram marcadas pela desigualdade, na qual os indígenas e africanos eram subalternos em relação aos portugueses: havia exploração, escravidão e diversas formas de opressão, o que fez com que fossem criadas barreiras significativas entre os grupos étnicos.

Com o passar dos anos, embora a abolição da escravidão tenha acontecido no século XIX, a ideia predominante na época ainda era marcada por muito preconceito. Os cientistas que estavam desenvolvendo as teorias raciais e a população branca majoritária consideravam os negros e indígenas um atraso para o país, sinônimo de retrocesso, já que os negros eram considerados inferiores em vários sentidos, de acordo com as teorias desenvolvidas da época. De acordo com o pesquisador suíço Louis Agassiz (1868), esse tipo de mistura entre raças não poderia produzir bons frutos, uma vez que “vai apagando rapidamente as melhores qualidades do branco, do negro e do índio deixando indefinido, híbrido, deficiente em energia física e mental” (p. 71).

No entanto, nem todos os pesquisadores que estudavam racialidade pensavam assim. Tinha-se a forte ideia de que o Brasil estava passando apenas por uma transição e que, com o cruzamento das etnias, o país poderia vir a ser branco algum dia. A ideia do embranquecimento, bastante presente, era de juntar pessoas de etnias diferentes para que assim os traços negroides fossem deixando de existir aos poucos, restando, por fim, apenas a branquitude. Com o passar do tempo, as interações entre as etnias foram crescendo, existindo o que conhecemos como as “relações étnico-raciais”. O que acontecia era que diversas mulheres negras eram abusadas sexualmente por homens brancos, fazendo com que fossem gerados, assim, filhos bastardos, já que os senhores de escravos não assumiriam filhos “mestiços”. Pode-se dizer que apenas no século XX as relações étnico raciais obtiveram alguma melhora, já que estavam sendo feitas mudanças significativas legislativas e sociais, possibilitando que, apenas com condições de vida mais justas, poderiam ser desenvolvidas relações mais harmoniosas entre as etnias.

Diante desse contexto, vão surgindo, aos poucos, o que conhecemos como famílias inter-raciais. De acordo com Beltrão, Sugahara e Teixeira (2016), houve um crescimento de 22,5% dos casamentos inter-raciais ao comparar censos de 1960 e de 2010, mais precisamente, 8,2% em 1960, para 30,7% em 2010. Também foi possível identificar as diferentes configurações desses casais: sendo: a) homens brancos, pretos, amarelos e indígenas com mulheres pardas; b) homens brancos, amarelos, pardos e indígenas com mulheres pretas; c) homens pardos com mulheres brancas; d) homens pretos com mulheres brancas e pardas. (*apud* Freitas; D'Áffonseca, 2023).

Schuman (2018) reforça que as famílias inter-raciais representam cerca de um terço dos casamentos do país. Sendo assim, os perfis das famílias brasileiras começam a ter um novo modelo, não seguindo mais o padrão de famílias de apenas “uma” etnia. Essas mudanças irão refletir na configuração das famílias, que se darão de formas variadas. A formação dessas famílias irá acontecer de forma simples, partindo de pessoas que decidem partilhar a vida com alguém com quem desenvolveram afeto, mesmo que a diferença de etnia possa vir a ser um problema quando decidirem ter filhos: se a mãe for branca e o pai negro, ou vice-versa, a criança pode nascer com a pele mais clara, o que pode fazer com que a criança sequer seja vista como negra na maioria dos casos. Essa questão da identificação pela cor pode vir a ser um problema dentro das famílias inter-raciais, seja pela forma que a criança é percebida por pessoas além da família, seja pela forma como é reconhecida pelos pais. A forma como os pais lidam com a questão étnica vai ditar boa parte da vida da criança, impactando em seus processos de socialização, em qual cultura seguir, como lidar com o racismo existente dentro da própria família, e até mesmo a forma como o indivíduo cresce e forma sua identidade étnico racial dentro do contexto em que está inserido.

Posto isto, na presente pesquisa o estudo será realizado com base em uma família inter-racial que reside na Paraíba, na cidade de Campina Grande, em específico, com base em uma família de pais brancos e uma criança negra. Busco¹ entender como a relação com pais brancos pode influenciar no processo de socialização étnico-racial de uma criança negra. A escolha por uma família em que apenas a criança é negra foi de extrema importância para o estudo, pois, a partir disso, pode-se ter uma visão de como uma pessoa negra cresce em um contexto rodeado de

¹ Durante a elaboração desta pesquisa, optei por utilizar a 1ª pessoa do singular em momentos onde a presença da minha voz é pertinente e bem-vinda. Esse estilo de escrita não compromete a qualidade científica da minha pesquisa, pelo contrário, enriquece-a ao incluir minha perspectiva como pesquisadora. Além disso, permite-me compartilhar percepções pessoais como pessoa negra, conforme será evidenciado nas seções a seguir.

peças brancas, com o qual a criança tem que lidar diariamente. Trazer a perspectiva de uma família branca sendo responsável pela socialização de uma criança negra mostra de que forma a diferença de etnia é vista, sendo o objetivo geral compreender como a relação com pais brancos pode influenciar no processo de socialização étnico-racial de uma criança negra criada em uma família inter-racial de Campina Grande. Mais especificamente, objetivamos: i) entender como os padrões culturais dos pais brancos influenciam a criança negra na formação de seus valores, crenças e habilidades sociais; ii) investigar como o racismo estrutural afeta as relações sociais e étnico raciais dentro do círculo familiar; e iii) identificar como a criança negra lida com a sua identidade étnico-racial.

1.1 Metodologia

A presente pesquisa se dá com base em um estudo de caso, bastante eficaz em estudos exploratórios (Chizzotti, 2006). Essa escolha em uma pesquisa não se trata apenas de uma abordagem metodológica, e sim uma escolha do objeto de estudo pelo interesse em casos individuais (Stake, 1994). Sendo assim, o objeto em questão é uma criança negra, quando inserida em uma família inter-racial, com pais brancos, de modo a entender como essa relação pode influenciar em sua socialização.

Para obter as informações necessárias para preencher as diversas questões da pesquisa, foi necessário coletar informações da família e da criança, para apreender todo o contexto em que a situação está inserida, as pessoas que fazem parte de sua vida, sua rotina. Busquei entender e interpretar as diversas interações que os pais têm com a criança, e como a mesma reage diante da realidade que lhe é apresentada.

Stake (1994; 1995) define o estudo de caso de acordo com o objetivo da pesquisa, podendo ser: i) intrínseco, quando procura conhecer melhor aspectos sobre um caso em específico, ii) instrumental, quando o pesquisador escolhe determinado caso para compreender melhor outras questões ou refinar uma teoria, ou iii) coletivo, quando o pesquisador opta por fazer um estudo através de diversos casos instrumentais, para que seja possível ampliar a compreensão sobre questões ou alguma teoria. Nesta pesquisa, a melhor definição é o estudo de caso intrínseco, pois o objetivo é conhecer o caso de uma família inter-racial de Campina Grande, entender suas particularidades, até que ponto podemos investigar, e quais pontos já são mais sensíveis. Entretanto, é necessário ter certo cuidado ao realizar a pesquisa de tal forma. O

pesquisador corre o risco de confiar em todas as evidências e o envolvimento demais em um caso específico pode atrapalhar no resultado da pesquisa.

É importante frisar que uma pesquisa com estudo de caso não pode ser generalizada, porém pode sim revelar algumas realidades universais, visto que nenhum caso é isolado, independente do contexto que está inserido e das relações sociais onde ocorre.

Ao definir que a pesquisa será feita através de um estudo de caso, é importante a realização de um plano de estudo de caso, dividido em quatro fases: 1) a seleção dos casos e negociação do acesso, 2) o trabalho de campo, 3) a organização dos registros e 4) a redação do relatório (Stenhouse, 1998; Stake, 2005; Yin; Campbell, 2002).

A primeira fase é uma das mais importantes, pois é a fase preparatória e a seleção do caso. É importante selecionar os objetivos do que será estudado, e quais evidências procurar. A escolha do caso foi feita pelo interesse na estrutura familiar de uma família inter-racial que é composta por uma mãe, que é a chefe da família. A mesma possui filhos biológicos e uma filha adotada, uma criança negra. Durante alguns relatos da mãe, foi demonstrada preocupação em relação à sua filha adotiva, principalmente pela questão étnico-racial. Sendo assim, a escolha da família se deu através do meu orientador, que fez a sugestão deste caso, pois tinha contato com a mãe.

O objetivo desta pesquisa é compreender como a relação com pais brancos pode influenciar no processo de socialização de uma criança negra criada em uma família inter-racial. Inicialmente, em um primeiro contato com a mãe para ter acesso à família, foi explicado sobre o que a pesquisa se referia, e foi deixado claro o interesse de estudar sobre o caso dela, considerando que a configuração de sua família era de meu interesse como pesquisadora, já que sua filha era uma menina negra e adotada, o que fez com que eu me identificasse com a menina, e quisesse estudar como a questão étnica impactou na vida da criança. Ademais, explicou-se que tudo seria feito com o consentimento dela, já que a criança é menor de idade, e que teríamos o acompanhamento de uma psicóloga em todo o processo. Por fim, deixei claro para a mãe que a pesquisa partiu de meu interesse pessoal por também fazer parte de uma família inter-racial, o que despertou familiaridade com a mãe.

O intuito da pesquisa era realizar a entrevista com a mãe e seus três filhos, sendo uma delas a criança negra que é o foco de nosso estudo. No entanto, quando retomado o contato para dar início à entrevista, a mãe relatou que estava passando por problemas familiares e com sua

filha adotada e que não acharia viável entrevistar seus filhos, mas estava disposta a participar e relatar à pesquisadora o que fosse necessário. Isto me levou a redirecionar a abordagem: o que antes pretendia que fosse feito a partir do olhar da criança negra, passou a ser apreendido sob o olhar da mãe, relatos que sua filha fez em desabafo a situações que vivenciou. No lugar de procurar outro caso para estudar, optei por continuar com este, pela estrutura familiar, em que a criança negra era adotada e fazia parte de uma família branca, considerando a dificuldade de encontrar uma outra família com essa configuração em pouco tempo.

Na segunda fase, que diz respeito ao trabalho de campo, fez-se necessário investigar as nuances apresentadas de forma mais específica. Saber quais padrões culturais são transmitidos pelos pais e o que a criança considera como seus valores, algo que só pôde ser desvendado durante a conversa com a mãe. O que inicialmente deveria ser realizado na casa da família, foi feito através de relatos da mãe, já que a mesma queria preservar suas filhas que estavam na casa. Buscamos compreender a rotina da família, quais valores culturais são reproduzidos, se possuem religião, se realizam refeições juntos, qual a dinâmica no cotidiano da família e da criança. Em outras palavras, busquei compreender quais são e como se dão as relações dentro do círculo familiar, assim como quais são os elementos constituintes dessas relações.

Primeiramente, foi assinado o termo de consentimento (Anexo 1) para certificar que ambas as partes estavam de acordo com o andamento da pesquisa. Em seguida, dado início às entrevistas, a ideia inicial era de que fossem realizadas de forma individual, a partir de um roteiro desenvolvido com perguntas específicas para mãe e para a criança (Anexo 2). Em conversa com a psicóloga foi acordado que a melhor maneira de realizar a conversação seria primeiro com a mãe e depois com a criança, para assim obter melhores resultados. Porém, diante da mudança no decorrer da pesquisa, a única entrevista realizada foi com a mãe, feita com muita cautela, para que ela ficasse tranquila e pudesse apresentar sua visão dos fatos. Importante ressaltar que a pesquisa em muito parte da perspectiva da mãe, logo, tem-se o cuidado de não tomar tudo como verdade factual, tendo apenas um olhar mais aguçado para os pequenos detalhes, já que a própria criança pode ter interpretações diferentes de algumas situações.

Dessa forma, o tipo de entrevista foi de profundidade com uso de um roteiro semi-estruturado. Considerando que nossa pesquisa é um estudo de caso que conta com histórias de vida sobre assuntos sensíveis, se faz necessária uma abordagem mais cuidadosa. Durante a entrevista foi necessário fazer com que a entrevistada se sentisse o mais confortável possível para

que assim fosse possível obter as informações necessárias, tornando-se um dos processos mais importantes já que só através dele fui capaz de obter os resultados da pesquisa. A entrevista durou 1 hora e sete minutos, tendo sido realizada em um local escolhido pela entrevistada. Utilizei um gravador para que tudo fosse registrado, além de anotações feitas a partir de detalhes observados, como as maneiras com que a entrevistada se portou sobre determinadas perguntas.

Ao longo das entrevistas, de uma forma mais minuciosa, mesmo que indiretamente, através do olhar da mãe, busquei entender como a criança se sente em relação às situações de racismo presentes no seu cotidiano, assim como, procurei saber qual o posicionamento da mãe e irmãos nesse tipo de assunto. E por último, observei como a criança lida com sua identidade étnico-racial, com suas características físicas, como cabelo cacheado/crespo, nariz largo, pele escura, assim como analisar suas vivências, seus costumes.

Na terceira fase, que corresponde à organização dos registros, fez-se necessário, ao fim das entrevistas transcrevê-las, além das anotações com observações feitas durante o processo. Além dos pontos escolhidos para a entrevista, verifiquei se algo além havia sido mencionado, e se poderia ser relevante para o estudo.

Na quarta e última fase que se refere à redação do TCC (Trabalho de Conclusão do Curso), foi utilizado o material obtido a partir da entrevista e realizada uma análise minuciosa e detalhada acerca de como a criança foi socializada, como ela lida com a questão étnica, e como o racismo vivenciado por ela impacta em sua formação do “eu” enquanto pessoa negra. Foram também destacadas falas importantes da mãe, que mais chamaram atenção durante a entrevista, e que contribuem para entender de que forma ser socializada por pais brancos pode impactar na vida de uma criança negra.

Em suma, minha pesquisa é composta por três sessões. Na primeira, busquei entender sobre o conceito de etnicidade e raça, qual a diferença entre ambos e qual conceito é utilizado no decorrer da pesquisa. Realizei uma revisão da história das relações étnicos raciais no Brasil, como foram se desenvolvendo, diante de qual contexto, de modo como eram as relações entre negros e brancos, como chegaram a formar famílias, e com isso, entender o lugar em que o negro era colocado, e como ele se deu a luta por seus direitos. Na segunda sessão, me aprofundi sobre as famílias inter-raciais, com foco na estrutura familiar em que se baseia o estudo, entendendo como ocorre a socialização, a formação de padrões culturais, e como a família tem um papel

importante nesses processos. E a terceira seção, se refere à entrevista, que foi um relato de vida de uma mãe e seus filhos.

2. NEGRO, NEGRINHO, MESTIÇO, MULATO

2.1. Raça ou etnicidade?

Em meados do século XX, o surgimento do termo etnicidade ou *ethnicity* causou um alvoroço na comunidade acadêmica entre os antropólogos, ao mesmo tempo que uma movimentação para obter conhecimento sobre aquela palavra, o que ela significava exatamente. Somente a partir da década de 1940, o termo “étnico” foi utilizado pelas ciências sociais. Seu primeiro sentido foi classificado como “a pertença a um grupo outro que não anglo-americano (o único grupo branco a não ter uma “origem nacional”)” (Poutignat; Streiff-Fenart, 1995, p. 22). Era um termo novo, sobre o qual as pessoas na época não tinham muito conhecimento, e que ganhava cada vez mais notoriedade. Quem utilizou o termo *ethnic* pela primeira vez foi o autor americano W. Lloyd Warner em sua série *Yankee City Series, Volume One: The Social Life of a Modern Community* (1948). Em sua obra, Warner acreditava que a etnicidade seria algo que mudaria o sistema social, ao mesmo passo em que seríamos modificados por ele.

Outrossim, “étnico” era empregado para se referir a pessoas que eram diferentes deles, além de não serem brancos, também não eram americanos. Entretanto, o fator determinante para definir a etnicidade de uma pessoa não era apenas não ser branco, mas algo muito além, como saber sobre os ancestrais de um indivíduo, aqueles que faziam parte de sua família e compunham a árvore genealógica. Ou seja, se uma pessoa possuísse apenas uma gota de sangue de uma pessoa negra, ou como dito por Warner, “*one drop of blood*”, mesmo que o indivíduo não fosse negro, não seria considerado branco pois em sua origem tinha um ancestral negro. Logo, com base nas pesquisas feitas pelo National Opinion Research Center, toda pessoa estrangeira era identificada como étnico. A partir do momento em que tocava-se na ancestralidade de alguém, sem mais delongas: *ethnicity = foreign stock* (Poutignat; Streiff-Fenart, 1995)

Ainda sem uma definição precisa, os estudiosos tentavam a todo custo entender o que o termo étnico significava, estudando sociedades distintas. Wallerstein (1960) pesquisou a

sociedade da África do Oeste, enquanto Gordon (1964), a sociedade americana. Ambos utilizaram o termo etnicidade:

(...) para designar não a pertença étnica mas os sentimentos que lhe estão associados: o sentimento de formar um povo (*sense of peoplehood*) partilhado pelos membros de subgrupos no interior das fronteiras nacionais americanas, ou o sentimento de lealdade (*feeling of loyalty*) manifestado em relação aos novos grupos étnicos urbanos pelos africanos destribalizados. (Poutignat; Streiff-Fenart, 1995, p. 24)

Apenas na década de 1970, o termo “eticidade” apareceu nas ciências sociais americanas, na revista *Ethnicity*, criada em 1974. Antes disso, não se tinha tantos trabalhos sobre o tema, porém, em determinado ponto, se mostrou necessário debater sobre a etnicidade existente não só nos Estados Unidos, mas em vários países ao redor do mundo. Dessa forma, assim como foi inevitável falar sobre classe no século XIX, a mesma coisa aconteceu no século seguinte. Esse período ficou marcado por estudiosos produzindo muitos trabalhos sobre o termo, ficando conhecidos pela emergência da “indústria acadêmica de etnicidade” (Ba Sham; De Groot, 1977). O termo etnicidade possui uma enorme bibliografia, porém até então não possuía nenhuma definição exata. Segundo Poutignat e Streiff-Fenart (1995) o termo é utilizado como uma categoria descritiva que permite tratar problemas como integração nacional, assimilação dos imigrantes, racismo, do que de fato um objeto científico. Alguns autores da época, como Gordon (1964) irão dizer que o termo está associado ao sentimento de formar um povo ou o sentimento de lealdade, já Connor (1978) irá discordar, afirmando que quando esse sentimento se manifesta, deve-se parar de falar de etnicidade e falar de nacionalismo.. Porém em 1978, Burgess tenta conciliar todos esses aspectos em uma só definição, ele traz em 5 critérios sendo eles: 1) pertença de grupo; 2) identidade étnica; 3) consciência da pertença e/ou das diferenças de grupo; 4) ligações afetivas ou vínculos baseados num passado comum e putativo e nos objetivos ou interesses étnicos reconhecidos; 5) vínculos elaborados ou simbolicamente diferenciados por “marcadores” (uma tradição, emblemas, crenças culturais, territoriais ou biológicas) (Poutignat Streiff-Fenart, 1995, p. 86).

É importante ressaltar que o termo etnicidade sempre teve heterogeneidade com a ideia de raça, povo ou nação, ideias que são bastante mencionadas nos discursos atuais. Durante algum tempo, foi questionado o motivo de não se utilizar o termo raça para discutir questões relacionadas a outros grupos vistos como desfavorecidos na sociedade, visto que em uma outra época falar sobre “raça” era considerado um avanço na civilização.

“Mestiço”, “mulato”, “mameluco”. Era assim que os negros eram chamados durante o século XIX. O termo “raça” ficou conhecido como um conceito marcado pelos traços físicos e um determinismo biológico. A ideia que predominava à época era a teoria positivista e/ou evolucionista. Influenciados por doutrinas deterministas, os primeiros sociólogos e antropólogos elaboram sua teoria do branqueamento da raça, segundo a qual os mestiços eram considerados um “caos étnico”(Seyferth, 1989, p. 13). Nessa teoria, acreditava-se que o negro era capaz de evoluir e sucumbir ao avanço da civilização, ou seja, conforme o processo de clareamento da pele, o negro irá se tornando civilizado. No livro intitulado *As Raças Humanas* (1957), Nina Rodrigues defendia a teoria de que negros, índigenas e mestiços eram considerados raças inferiores. Ele partia do pressuposto de que existia uma espécie de diferença intelectual entre as raças, com base em pressupostos biológicos, como o tamanho do cérebro que alegava ser menor do que uma pessoa branca.

Ademais, surgiu a necessidade de contrapor essas teorias, bastante presentes no século XIX e XX, pois apenas as ciências biológicas não seriam suficientes para explicar algo tão singular como raça, algo muito além apenas da aparência física. É então que o antropólogo francês Vacher de Lapouge cria o termo “etnia”, para prevenir o erro de definir apenas como raça, que de acordo com ele não passava apenas características físicas, o que seria na verdade um modo de agrupamento formado por laços, cultura, língua e intelectualidade:

[...] Tais grupos sociais (que ele define simultaneamente como “naturais e factícios”) não podem, segundo ele, confundir-se com a raça, e até mesmo lhe são “mais ou menos opostos”, dado que se trata de agrupamentos que resultam da reunião de elementos de raças distintas que se encontram submissos, sob o efeito de acontecimentos históricos, a instituições, a uma organização política, a costumes ou idéias comuns. Também não se pode confundi-los com as nações, visto que a solidariedade assim constituída subsiste para além da fragmentação do grupo que a produziu. (Poutignat; Streiff-Fenart, p. 34, 1995)

Embora essa primeira definição de etnia ainda seja marcada pelo preconceito muito presente da época, definindo negros como “pessoas com características comuns”(Francis, 1947 apud Poutignat; Streiff-Fenart, 1995) e que não qualificariam eles como parte da nação, pois não teriam capacidade intelectual para discutir assuntos políticos, a ideia de etnia estava ali, apesar do racismo existente. Quando o discurso é o mesmo no século XXI, o termo “raça” seria muito simplista para abordar a identidade de um povo, ligações afetivas, crenças, questões territoriais e muitas outras questões. O termo étnico abrange todos esses quesitos, possibilitando fazer um estudo detalhado sobre as relações étnico raciais de um povo.

Podemos dizer então que o termo etnicidade surge como uma necessidade de dar um significado à história dessas pessoas, sejam elas negras, indígenas ou mestiças. Apenas o termo “raça” não seria capaz de abarcar toda a magnitude e complexidade que esses indivíduos representam socialmente. É mais do que apenas uma diferença étnica; diz sobre a consciência de pertencer a algo, algo a que se apegar, de ser capaz de se conectar com seus ancestrais, e a partir disso, enxergar e desenvolver sua própria identidade étnico-racial, especialmente quando levamos em consideração que estes grupos são também classificados como minorias, sofrendo preconceitos tanto de marca quanto de origem, por serem “diferentes” do que foram programados para serem socialmente aceitos, distintos do modelo ideal americano ou europeu. No Brasil, as relações étnico-raciais foram se desenvolvendo de forma “lenta e gradual”, à medida que se criou a ideia de que existiria uma democracia racial, já que brancos e negros conviviam diariamente.

Por fim, essa vontade de pertencer a algo nos faz questionar sobre a construção da nossa própria identidade negra, como ao longo dos anos tentaram apagar os traços, mesmo que indiretamente através de estereótipos sociais desenvolvidos, fazendo com que o negro se sintam mal em sua própria pele. Muito disso está ligado à forma como o indivíduo foi socializado: se ele nasceu cercado de pessoas que possuem a mesma etnia que ele, é provável que ele esteja mais preparado mentalmente para lidar com questões sociais do que uma pessoa que cresceu distante do “seu povo”, da “sua cultura”, e apenas foi se moldando e se “embraquecendo” aos poucos. É quando o indivíduo se identifica como negro que ele dá o primeiro passo para a construção de sua identidade étnico-racial.

Dessa forma, o termo escolhido para orientar a pesquisa será o de etnicidade, seguindo o conceito definido por Burgess (1978): a pertença de grupo, identidade étnica, consciência da pertença, as ligações afetivas, vínculos elaborados ou simbolicamente diferenciados por tradições, crenças culturais, territoriais. Esta definição se enquadra como a mais completa para realizar o estudo de caso, e mais especificamente, entender o que define uma pessoa como negra, não apenas uma questão de cor, mas os demais aspectos que contribuem para a formação de uma identidade negra. Portanto, se faz importante o conceito de etnia, para que durante as entrevistas com a família seja possível entender em que momento a criança se entende como uma criança negra, ao que ela atribui o vínculo com sua etnia, e como é o processo para a construção da sua identidade étnico-racial.

2.2. Desenvolvimento das relações étnico-raciais no Brasil

O Brasil sempre foi conhecido pela sua diversidade, seja pela sua riqueza na fauna e na flora, seja pela mistura de raças entre brancos, negros e indígenas. Isso foi algo que chamou a atenção de vários cientistas do final do século XIX, em que o aspecto racial foi visto como um campo de pesquisa em potencial. Alguns chamavam de “festival de cores” (Aimard, 1888), ou de “sociedade das raças cruzadas” (Romero, 1895). Schwarcz (1993) aponta que o país era visto como um “espetáculo brasileiro da miscigenação”. A narrativa da época era que a nação estava atrasada por causa desse misto de raças². Nessa mesma época, começam a surgir várias teorias raciais que chegaram tardiamente no Brasil. A maioria era detentora de discriminação e preconceito. Dentre elas, havia a ideia de que o país estava passando por uma transição, e que com o cruzamento dessas raças, o Brasil poderia vir a ser branco algum dia.

Com esse contexto em mente, os cientistas estavam a todo custo se dedicando a estudar sobre raça, como era denominado na época, e se apoiavam nas teorias deterministas. Em 1888, ocorre a abolição da escravidão. É importante reconhecer o papel dos próprios negros na luta por sua libertação e pela conquista de direitos. A história frequentemente destaca ações de indivíduos brancos que contribuíram para a abolição da escravidão e para o avanço dos direitos civis, mas isso não nega o fato de que foram os próprios negros que lideraram muitas dessas batalhas. Desde a época da escravidão, os negros têm sido agentes ativos para mudança e resistência, reivindicando seus direitos e seu lugar na sociedade.

Lélia Gonzalez (2022), em sua obra *Lugar de negro*, remete o termo “lugar” às dimensões existentes das desigualdades raciais. O negro conhece o seu lugar e sabe em qual posição social se enquadra, ainda que muitos brancos enxerguem como se fosse inalceitável querer que um negro ascenda socialmente, ou tenha um trabalho digno. Entende-se, ainda que erroneamente, que o negro possui seu “lugar apropriado” (Hasenbalg, 2022). Então, quando utilizado o termo “lugar”, este era resultante das práticas discriminatórias existentes, porém nunca admitidas ou reconhecidas.

² Nesta seção, a utilização do termo “raça” se faz presente para entender o contexto do século XIX, em que os pesquisadores da época buscavam cada vez mais estudar sobre as raças e suas diferenças. O termo era utilizado desta palavra quando se referia aos negros, indígenas, pois nesse contexto, a diferença de cor e características biológicas era o único fator para diferenciar um grupo do outro.

Sendo assim, a inserção do negro na sociedade não foi bem aceita e teve resistência da raça dominante de tal forma que não desenvolveram políticas afirmativas para que negros fossem considerados cidadãos brasileiros. Os negros eram “obrigados” a realizarem atividades menos qualificadas, como limpeza urbana, serviços domésticos, correios, segurança, transportes urbanos etc, ou seja, todo tipo de trabalho que demandasse esforço físico maior, e que não precisaria de qualificação profissional para ser exercido. Assim, podemos dizer que o negro continuava exilado da sociedade, não era tratado com respeito. A sensação que predominava era que muito não havia mudado, pois alguns negros ainda enfrentavam condições de trabalho desumanas e formas de exploração econômica que em muito remetiam à escravidão. Nessa época, eles eram considerados a mão de obra mais barata do mercado.

Em termos de condição material, o negro não possuía muito, moravam em cortiços, porões, invasões, o que é muito presente até os dias atuais. Apenas vai-se mudando a nomenclatura: passamos da senzala para a favela. Nas décadas posteriores à abolição, os trabalhadores negros foram substituídos por imigrantes europeus nas fazendas de café e nos centros urbanos, o que levou negros e mulatos a serem excluídos dos setores de empregos mais dinâmicos, sendo “obrigados” a trabalharem apenas na agricultura de subsistência nas áreas rurais ou em empregos não qualificados nas cidades.

O racismo era presente, porém mascarado. Florestan Fernandes (1972) acreditava que a exclusão dos negros na etapa industrial paulista, que durou até 1930, foi resultado apenas da política estatal de imigração, e não da desorganização e descaso com os ex-escravos. A maioria das pessoas ainda acreditava que não existia mais preconceito, que não existiam mais diferenças, apenas ocasionalidade. Ao longo da década de 1920, teve-se a revalorização do trabalhador nacional e a interrupção do fluxo migratório, que dá o ingresso dos trabalhadores negros no sistema industrial de São Paulo. Mas, de forma direta, os negros passaram 42 anos após sua “soltura” sem acesso a uma vida de qualidade, oportunidades de trabalho iguais os demais cidadãos. Apenas os imigrantes europeus tiveram prosperidade a partir da safra de café e da industrialização.

Diante desse contexto, o sociólogo Gilberto Freyre foi um dos nomes renomados na época por falar sobre a questão racial. Ele tinha uma ideia positiva sobre a miscigenação, e era contra a ideia de que os negros eram um atraso para a modernização. Freyre trabalha a construção da identidade de um povo que viva em harmonia, e a partir de seus estudos, traz a

necessidade de compreender as relações sociais através da cultura, não mais a partir da raça. O sociólogo escreve seu livro conhecido como *Casa Grande & Senzala* (1933), obra que ficou famosa pelo país inteiro, na qual ele aborda a relação dos negros e brancos de tal forma que faz parecer que no Brasil existia uma democracia racial. Surge o que conhecemos como o mito da democracia racial, entretanto, a própria obra de Freyre retrata o preconceito, discriminação e abusos existentes na época, comprovando que a hierarquização existia, que os negros eram considerados outra raça à parte. Para a época, vendia-se a ideia de que no Brasil existia de fato uma democracia racial, já que brancos e negros “contraternizavam” entre si (Freyre, 1933).

Essa ideia de confraternização existia por ser muito comum que os senhores da Casa Grande tivessem relações sexuais com as mulheres negras, não de forma consensual, mas sim estuprando-as. Esse tipo de situação acontecia com frequência, as mulheres eram apenas utilizadas para servirem aos prazeres pessoais dos homens brancos, não podendo recusarem se colocar em tais funções, como se estivessem cumprindo ordens. Do estupro gerava-se um filho, considerado mestiço com a junção das cores, e bastardo, que não teria nenhum direito sobre as terras de seu pai, até porque o senhor nunca iria reconhecer um filho seu como mulato.

No capítulo *O escravo na vida sexual e de família brasileira* da obra *Casa Grande & Senzala*, Freyre destaca o papel da mulher negra, que atuava como mãe criando a criança branca, filha dos senhores, e de torná-lo homem no sentido literal e carnal:

Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida. trazemos quase todos a marca da influência negra. Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolengando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal-assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho-de-pé de uma coceira tão boa. Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama-de-vento, a primeira sensação completa de homem. Do moleque que foi o nosso primeiro companheiro de brinquedo. (Freyre, 2003, p. 367)

Fica evidente a partir de alguns trechos da obra que os negros não tinham opção a não ser seguir os que lhe era mandado, mas a ideia de que existia uma democracia não era verídica. Os negros não tinham autonomia por si próprios, não poderiam nem mesmo escolher realizar outro tipo de serviço que não fosse braçal, caso fossem homens, e serviços domésticos, para as mulheres e crianças. E isso ficou de forma tão intrínseca no Brasil, ao ponto de ser comum até a atualidade, em nossa sociedade capitalista: vemos mulheres pretas realizando serviços

domésticos, ou até mesmo servindo como babás, ao mesmo tempo em que homens negros comumente trabalham em construções, trabalhos que demandam um esforço maior. Porém, esse mito de uma democracia racial apareceu no momento certo, pois seria inaceitável admitir que o nosso país era preconceituoso e racista, sendo que possuíam raças diferentes: queria-se transmitir a ideia de que existia de igualdade.

Carlos Hasenbalg (2022) irá dizer que Freyre criou a mais formidável arma ideológica contra o negro. A partir daí, nas décadas de 40 e 50, diversas pesquisas foram sendo desenvolvidas, e associaram que cor e posição social estariam atreladas. A ideia se pautava na questão de que existia mais preconceito de classe do que de raça. Charles Wagley (apud Hasenbalg, 2022) afirma que não existiam sérias barreiras raciais ao avanço social e econômico, que as oportunidades iam surgindo e assim mais pessoas poderiam subir no sistema social. Outra linha de pesquisa que incorporou essa análise de classe sob raça surgiu entre a década de 50 e 60, tendo nomes como Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso e Octávio Ianni envolvidos, chegando à conclusão que os traços do antigo regime ainda eram bastante presentes na sociedade. Preconceito, a discriminação racial, ainda eram existentes quando se analisa a relação de brancos e negros. O despreparo cultural dos ex-escravos para assumirem essa nova vida os levou a serem excluídos socialmente e marginalizados.

É notável que se fazia de tudo para não admitir que no Brasil existia sim discriminação e preconceito. Tinha-se a ideia de que tudo tinha ficado para trás após a abolição, entretanto, foram sendo atribuídas novas funções e significados na estrutura. Essas diferenças existentes só vão ficando cada vez mais em ênfase a partir de formas simbólicas e materiais. Dessa forma, Hasenbalg (2022) argumenta que quanto mais ficamos longe do período escravista, menos podemos culpa-lo pela posição do negro na sociedade atual. Deve-se dar ênfase nas desigualdades existentes nas estruturas e nas diferenças entre brancos e negros atualmente.

À vista disso, para justificar a desigualdade racial existente após a abolição, eram levados em conta dois pontos: a desigual distribuição geográfica de brancos e negros e as práticas racistas do grupo racial dominante (Hasenbalg, 2022). No primeiro ponto, acreditava-se que a região em que os negros viviam impactava as oportunidades econômicas e educacionais que poderiam surgir, já que a maioria morava em região agrária e menos desenvolvidas do país. O segundo ponto seria o racismo, que era internalizado por parte dos brancos que criavam uma imagem desfavorável do negro, até que essa visão era transportada para os livros escolares, para

a mídia, até que fossem criados estereótipos e que fosse vendida essa imagem ruim e preconceituosa dos negros.

As relações entre brancos e negros são marcadas pela hipocrisia existente na época, onde se negava que existia a discriminação e o preconceito racial, porém o negro não foi reconhecido socialmente como indivíduo, não foram incluídos em políticas de afirmação. Pelo contrário, tentaram “apagar” e esconder sua história, queimando os documentos referentes ao tráfico de escravos e regime escravista, e retirando os negros dos censos demográficos. Isto porque o Brasil era um país racialmente democrático, onde todos tinham seus direitos garantidos e que negros e brancos se relacionavam de maneira normal. Um adendo que essa noção de normalidade, para eles, deveria se tratar do que estavam acostumados, com a hierarquização presente, e o negro invisibilizado e condenado a precarização e às piores condições de vida. Além do mais, iniciou-se a aceitação com o intuito de realizar um embraquecimento da população, com a intenção de apagar os vestígios do negro e sua cultura.

Em suma, a identidade do negro seria definida através dos brancos, o que eles permitiam que fossem feito e aceito socialmente. Era vendida a ideia estereotipada do negro caricato, para divertir e entreter os outros de alguma forma. Novamente, vemos sempre os negros servindo algo para os brancos. A posição de hierarquização ainda era presente, mesmo que o negro acreditasse estar ascendendo socialmente, ele só estava naquele “lugar” porque algum homem branco permitiu. Lélia Gonzalez irá definir esse grupo como:

[...] As imagens mais positivas vistas das pessoas negras são aquelas que representam os papéis sociais atribuídos pelo sistema: cantor e/ou compositor popular, jogador de futebol e ‘mulata’. Em todas essas imagens há um elemento em comum: a pessoa negra é um objeto de divertimento. (2022, p. 127)

2.3. Posição atual do negro na sociedade

A discriminação racial ainda é recorrente na atual sociedade capitalista. Se o indivíduo for negro, já é visto de forma diferente. A cor da pele será um fator determinante, influenciando toda a estrutura social, assim como em nossas relações mais íntimas, podendo ser uma relação familiar, ou com amigos. Quando o indivíduo nasce com a pele negra está predestinado a uma vida com desigualdades raciais. Silvio Almeida diz que todo racismo é estrutural: “O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo ‘normal’ com que se constituem as

relações políticas, econômicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo estrutural” (2019, p. 33).

O racismo estrutural é responsável pela exclusão dos negros em lugares de poder, e faz com que aqueles de pele clara continuem onde estão, dificultando a ascensão de pessoas de cor a participarem da estrutura ativamente. Em suma, isso diz muito sobre nossa sociedade, que tende a permanecer em uma cultura hegemônica, em parte porque é conveniente para as pessoas brancas permanecerem na posição privilegiada em que se encontram, tendo benefícios independente do local em que estejam, pois, mesmo com o fim da escravidão os negros não foram reconhecidos pela sociedade como cidadãos. Não tiveram oportunidades de trabalho que não fossem como serviçal, com condições precárias e sempre destinados a servirem um homem branco. O ingresso dos negros na sociedade foi lento, e até hoje, é com muita dificuldade que são aceitos em cargos de poder significativo, porém, com o passar dos anos e a mudança política, teve-se a implementação de políticas públicas que possibilitaram que os negros tivessem acesso à educação, saúde e uma moradia.

Neusa Souza afirma que o negro em busca de sua ascensão social, se vê obrigado a ter o branco como modelo de identidade, vendo como única oportunidade para conseguir mudar de vida, e não continuar no ciclo que lhe rodeia:

Tendo que se livrar da concepção tradicionalista que o definia econômica, política e socialmente como inferior e submisso, e não possuindo uma concepção positiva de si mesmo, o negro viu-se obrigado a tomar o branco como modelo de identidade ao estruturar e levar a cabo a estratégia de ascensão social. (Souza, 2021, p. 47)

Isto ocorre, pois, mesmo após a abolição escravocata, o negro ainda era visto de forma inferior, que só servia para servir os brancos, obediente e submisso. Era como se mesmo estando “liberto”, o negro ainda sentisse as amarras que lhe apertavam cada vez mais, enquanto que o branco continuava no seu “lugar” de poder e autoridade. Em outros termos, o negro sabia qual era o seu lugar socialmente e o que deveria fazer para mudá-lo: era necessário deixar pra trás suas raízes e ir se embaquecimento as poucos, tanto na forma de se portar, quanto fisicamente, para só assim começar a se encaixar na sociedade. Ao mesmo tempo, durante esse processo, estabelece-se um padrão de que o negro só será aceito se deixar de ser negro, que precisaria ascender socialmente para assim ser considerado gente.

A ascensão surgia, assim, como um projeto cuja realização traria consigo a prova insofismável dessa inserção. Significava um empreendimento que, por si só, dignificava aqueles que o realizassem. E mais: retirando-o da marginalidade social em que sempre estivera aprisionado, a ascensão social se fazia representar ideologicamente para o negro como um instrumento de redenção econômica, social e política capaz de torná-lo cidadão respeitável, digno de participar da comunidade nacional. (Souza, 2021, p. 49-50)

É por causa do racismo que o negro sente a pressão social de ser sempre o melhor, e de querer a todo custo ser branco. Vai se instalando de uma forma para parecer inofensivo, vindo através de atos de suposto cuidado e afeto, estando presente nas relações pessoais e familiares. Normalmente, o primeiro índicio é relacionado ao corpo negro, a tentativa de embraquecimento, ideias que estão intrínsecas na estrutura ideológica racista, e que durante muitos anos foi creditado que a pele escura era feia, que o cabelo cacheado/crespo era assanhado, duro, ou que o nariz era largo demais. Neusa Santos (2021) faz um estudo sobre a vida emocional de negros e negras em uma sociedade multiracial, racista e de hegemonia branca e que também é vinculada à ideia de democracia racial. No prefácio do livro, Jurandir Freire Costa destaca:

[...] Todo ideal identificatório do negro converte-se, desta maneira, num ideal de retorno ao passado, onde ele poderia ter sido branco, ou na projeção de um futuro, onde seu corpo e identidade negros deverão desaparecer. (2021, p. 23)

Isso ocorre porque o negro percebe que, vivendo no mundo dos brancos, a única forma de ascender socialmente é se adequando e seguindo a regras ditadas por eles. Mas até quando o negro terá que apagar sua identidade para ser respeitado, sem ter que estar constantemente se dedicando mais do que uma pessoa branca, tendo seu esforço e dedicação seja reconhecido? Neusa reforça que “é a história de uma identidade renunciada, em atenção às circunstâncias que estipulam o preço do reconhecimento ao negro com base na intensidade de sua negação” (Souza, 2021, p. 53).

A autora aborda as dificuldades do próprio negro em se reconhecer como negro em uma sociedade racista, que considera tudo que vem do negro ruim. Para o sujeito conseguir construir uma identidade, de modo a criar uma estrutura psíquica harmoniosa, é preciso fazer as pazes com o seu corpo, é necessário “inocentar” o corpo, para assim conseguir amar e cuidar aquilo que faz parte de si mesmo. Entretanto, o racismo opera de maneira inconsciente: seu psiquismo é marcado com o selo da perseguição pelo próprio corpo, tentando modificar sua aparência física, seu modo de se portar, com a tentativa de esconder os traços negroides, acreditando que essa

mudança foi por uma decisão de preferência, mas essa preferência está ligado às sobreposições estruturais que internalizamos enquanto somos socializados. Por isso, o processo de socialização do negro enquanto criança é de extrema importância, porque irá impactar em seu crescimento e desenvolvimento pessoal. Quando criança, tem-se como referência os pais, então tudo que iremos aprender nessa época é tomado como verdade absoluta até o momento em que tomamos consciência e desenvolvemos a própria identidade enquanto indivíduo.

O corpo será um elemento importante nessa construção do “eu”. É a partir dele que começa a se desenvolver uma aceitação “de ser negro”, quando se deixa de lado os estereótipos brancos que são impostos e que internalizamos com o intuito de se encaixar nesta sociedade hegemônica. O negro começa a se conhecer, mas de uma forma diferente, encontrando beleza em um lugar que sempre foi marcado por dor e ódio por si mesmo, por não ter o cabelo liso e a pele clara. Dessa forma, é válido dizer que a aceitação do cabelo afro é um dos principais passos para o negro começar a se amar, principalmente na sociedade do século XXI, em que o negro sente que tem mais possibilidades para cuidar do seu cabelo, sem necessariamente ter que alisá-lo.

Diante disso, como foi tido, a família tem um papel importante no desenvolvimento de uma criança, e com o surgimento das famílias inter-raciais, a probabilidade do negro “se eliminar” fica muito mais fácil, pois o intuito dessa relação seria de tentar apagar a etnicidade do negro. Contudo, isso acontece de forma velada, de super proteger para que a criança negra seja aceita na sociedade, tentando evitar que ela venha a sofrer racismo. Isso faz com que aquela pessoa descendente seja embranquecida aos poucos com outras vivências, colocando de lado as heranças culturais africanas que lhe foram deixadas, passando a se adaptar àquele mundo branco, aprendendo o que é certo e errado, para ser aceito e considerado como o negro educado, o que é diferente de todos, que não é agressivo. Além de mudanças estéticas, como afinar o nariz, alisar o cabelo, vem a tentativa de aniquilar esse tipo de “corpo rebelde” no futuro: “O sujeito negro, possuído pelo ideal de embranquecimento, é forçado a querer destruir os sinais de cor do seu corpo e da sua prole” (Costa, 2021, p. 7).

Sendo assim, dentro de uma família a socialização vai ser de suma importância, pois é o processo pelo qual as pessoas adquirem os valores, crenças e habilidades necessárias para serem membros ativos e funcionais de uma sociedade. Isso inclui o aprendizado das normas e expectativas da sociedade, o desenvolvimento de habilidades sociais, além de aprender a se comportar de maneira apropriada em diferentes situações. Isso afeta a forma de socializar, em

todos os costumes, principalmente porque aquilo que vinha dos negros era considerado errado, afeta diretamente, assim, os padrões culturais, ou seja, as crenças e valores adquiridos durante o desenvolvimento.

Tendo como referência uma família inter-racial em que os pais são brancos, a forma de socialização primária vai ser de extrema importância para a forma como a criança irá se desenvolver e crescer, quais serão seus costumes. Ainda reforçando o ponto de que o racismo está presente em tudo, principalmente nas relações, Bourdieu (2001) em sua obra *Meditações pascalianas* fala sobre a *illusio* que são construções sociais socializadas, ou seja, seria uma ilusão achar que algo é natural, quando na verdade é aprendido. Segundo Bourdieu (2001), o corpo tem um papel fundamental na identidade social do indivíduo, estando sujeito a um processo de socialização, sendo o “eu” forjado nas e pelas relações sociais. Ou seja, mesmo que tenha-se a ideia de não ser racista, é algo que foi absorvido na sociedade e, de alguma forma, foi ensinado.

O *habitus* pode ser entendido como disposições, estilos de vida, maneiras e gostos incorporados, que contribuem para determinar o que irá ser transformado, pois ao interiorizar os *habitus* das estruturas, pode-se, a partir dele, mudar coletivamente esses *habitus*. Porém, só se pode lutar contra algo que se tem a consciência de ser construído. Desta maneira, só podemos combater o racismo estrutural, quando tem-se a noção de que é racista. Quando o negro opta por modificar o próprio corpo, a fim de ser aceito socialmente, tem racismo inconsciente por parte do próprio negro, que acaba internalizando e acreditando que seja verdade.

Na socialização da criança, mesmo que inconscientemente, ela irá absorver todos esses ideais criados antes mesmo de sua existência. Segundo a teoria da ação, nós incorporamos uma história dada pela estrutura e transformamos em nossa visão, iremos reproduzir a mesma história de maneira diferente, sendo possível que em uma socialização secundária, a criança possa crescer e decidir que ideais e crenças seguir, embora os pais interfiram diretamente no caminho inicial que a criança irá seguir. Esses pais, por sua vez, são influenciados pela estrutura, ainda que inconscientemente.

3. FAMÍLIAS INTER-RACIAIS: O QUE É E COMO SÃO FORMADAS?

A princípio, quando mencionamos famílias inter-raciais, fala-se de pessoas de etnias diferentes, brancos e negros, que se uniram e deram origem a uma família miscigenada. Pessoas com vivências distintas, assim como fenótipos distintos, que se unem apesar das diferenças das etnias, levando em consideração o afeto que desenvolvem um pelo outro. A ideia predominante é a do senso comum, que o amor está acima de tudo e que juntos serão mais fortes, criando-se a ideia de que o amor tudo supera, principalmente as diferenças. Sendo assim, no prefácio da obra *Famílias Inter-Raciais: tensões entre cor e amor* (2018) de Lia Vainer Schucman, Silvio Almeida define que “o amor é construção social” (p. 13), ou seja, desenvolve-se a ideia de um amor “puro”, quando, na verdade, até as relações com mais afeto irão refletir a visão de um mundo hierarquizado, violento e desigual.

Mesmo que atualmente as relações inter-raciais sejam por escolhas, nem sempre foi assim. Inicialmente, estas relações aconteciam de formas violentas, sempre um homem branco que endossava seus desejos com mulheres negras. Durante o período colonial, eram os portugueses a se relacionarem de forma abusiva com mulheres escravizadas.

[...] é possível dizer que as relações afetivo-sexuais inter-raciais acontecem desde os tempos coloniais. No entanto, este número cresce com o passar dos anos. O censo de 1960 apontou que 8% dos casamentos eram inter-raciais. Em 2010, este número havia saltado para 31%, ou seja, quase um terço das uniões de nosso país acontece entre pessoas que se autoclassificam como sendo de diferentes raças. (Schucman, 2018, p. 37)

Essa formação de famílias inter-raciais segundo Schucman (2018) ocorre normalmente entre homens negros com mulheres brancas, sendo incomum o inverso, de homens brancos casarem com mulheres negras. Normalmente, as mulheres negras são reconhecidas apenas para satisfazer o desejo dos homens, algum tipo de fetiche, ao passo que as mulheres brancas são vistas como para casar. Silva (1987) argumenta que isto parte da ideologia do embranquecimento, assim como parte do patriarcado e machismo.

As mulheres negras (pardas e pretas) são as menos pre feridas para uma união afetiva estável pelos homens negros e brancos. Há, portanto, um excedente de mulheres negras sem parceiros, sendo estas a maioria entre as mulheres solteiras, viúvas e separadas. (Pacheco, 2006 apud Schucman, 2018 p. 38)

Em uma pesquisa realizada por Moutinho (2004 apud Schucman, 2018 p.8) *Razão, Cor e Desejo*, o autor investiga sobre o lugar do branco em uma relação inter-racial. Sua investigação se pauta sobre afetos, desejos e sexualidade em relacionamentos inter-raciais. Partindo da perspectiva de que, para escolher um parceiro para a vida, se leva em conta questão financeira, gênero, de acordo com a pesquisa, as mulheres brancas se relacionam com homens negros apenas quando não são consideradas interessantes para os homens brancos. Já para o homem negro, essa relação é vista como uma possibilidade de ascensão social que vem junto ao embaquecimento. Ao formarem uma família, a herança da negritude que o homem trazia consigo vai sendo deixada de lado no momento em que passa a conviver no mundo apenas de pessoas brancas. Ao gerar um filho, ele será criado em uma cultura branca, sem ter conhecimento sobre suas raízes.

3.1. O papel da família no processo de socialização

A família terá um papel essencial na socialização de uma criança, sendo um intermediário entre o indivíduo e a coletividade, criando uma relação de interdependência entre os pais e a criança até determinada idade. Sendo assim, entendemos como socialização “o processo pelo qual o indivíduo aprende a ajustar-se ao grupo, através da aquisição de um comportamento social que o grupo aprova” (Gould; Kolb, 1964 apud Santos, 1969 p. 67). Em outras palavras, desde o estágio inicial da vida, aprendemos, observamos e internalizamos tudo que está diante de nós. Enquanto crianças, o fato de falar a primeira palavra, andar pela primeira vez, tudo vai sendo aprendido, até que o indivíduo consiga comer, falar e andar sozinho, de tal forma que ele seja capaz de desenvolver uma hexis corporal e que consiga ser aceito socialmente: “A família é um veículo de modelos sociais, um instrumento de «socialização» pelo qual os indivíduos se inserem no meio que os rodeia” (Santos, 1969, p. 67-68).

Outrossim, os modelos sociais que as famílias reproduzem estão muito atrelados aos ideais que eles seguem, e mais do que isso, a que classe pertencem. Isso irá ditar a forma como a criança irá se desenvolver, qual cultura predominará em seu desenvolvimento, se a família é apenas branca, ou se tem a mistura de diferentes etnias. Ademais, principalmente a relação maternal influenciará significativamente na identidade de uma criança.

Levando em consideração o indivíduo enquanto criança, quase todas as suas necessidades estão ligadas aos pais. São eles que irão criar os padrões para que seja possível que aquele ser ainda em desenvolvimento tenha toda a experiência de sua vida, logo, irá existir uma relação de codependência. Sendo apenas através desses padrões que a criança irá conseguir estabelecer relações com o mundo exterior, e assim se conectar não somente com o mundo social, mas também seu ambiente físico:

Os padrões impostos durante o processo de socialização são altamente relativos, conforme já vimos. Dependem não apenas das características individuais dos adultos que cuidam da criança, mas também dos vários agrupamentos a que pertencem esses adultos. (Berger; Berger, 1977, p. 204)

É relevante frisar que os pais que exercem o papel de adultos socialmente irão ter um domínio forte sobre a criança, que naquele momento inicial da vida, ainda não é considerada como verdadeiro ator social. O mundo que foi apresentado a esta criança, as regras que foram ensinadas, são as formas que a criança irá absorver e externalizar, não podendo ir contra a “educação” que lhe foi ensinada, por medo da repressão por parte dos pais.

Só posteriormente a mesma descobre que existem alternativas fora desse mundo, que o mundo de seus pais é relativo no tempo e no espaço e que padrões diferentes podem ser adotados. Só então o indivíduo toma conhecimento da relatividade dos padrões e dos mundos sociais. (Berger; Berger, 1977, p. 205)

Ao tomarmos como referência uma família inter-racial, a diferença da etnia será um fator na relação, não podendo ser desconsiderado. Quando a criança negra cresce em uma família branca, ela irá aprender e absorver aquela cultura e costumes presenciados diante de si, não tendo acesso a cultura negra. Em alguns casos, mesmo que não sejam dadas orientações diretamente, a criança irá passar pelo processo de aniquilar o próprio corpo para tentar se enquadrar no mundo em que vive. O primeiro passo costuma ser o alisamento do cabelo. O processo de socialização será marcado por ensinamentos de como se portar, a forma que deve-se falar com as pessoas, a forma de se vestir. Em outros termos, o negro tem que ser considerado o melhor em tudo, para suprir uma coisa que nunca terá: a pele clara.

Neusa Souza alega que é preciso que haja um modelo no qual o indivíduo possa se constituir, “um modelo ideal, perfeito ou quase [...] que recupere o narcisismo original perdido,

ainda que seja através de uma meditação: a idealização dos pais/substitutos e ideais coletivos. Esse modelo é o ideal do ego” (Souza, 2021, p. 64).

Digamos que no decorrer de sua vida, o negro, quando socializado em um ambiente branco vai perdendo seu narcisismo, até o próprio ego é branco. As ambições que aquele indivíduo terá serão guiadas pela sua ideologia, que indiretamente é imposta pelos brancos, como o modelo a ser seguido. Em um quadro familiar composto por pais brancos e a criança negra, haverá pressões sociais de todos os lados, cercando-os, gerando expectativas sobre ser alguém na vida, ter um bom trabalho, casar com alguém que irá lhe fazer subir de classe. Segundo Maria de Lourdes Lima dos Santos, sobre a socialização de uma criança: “Prepará-la para subir na hierarquia social surge como o dever dos pais, que vão utilizar uma disciplina austera como meio dos mais adequados para aceder à posse. Nesta fase é fundamentalmente a família (e cada vez mais a família conjugal) quem socializa o indivíduo” (Santos, 1969, p. 70).

À vista disso, dentro de uma família inter-racial a construção da identidade étnica da criança é bastante importante. Trata-se de um processo em que a criança irá enfrentar – de forma pessoal, em que sua família não faz parte–, de se reconhecer como negra. Apenas quando tem noção do mundo em que vive, das diversas possibilidades de poder ser o que quiser, de começar a questionar sua forma de se vestir, a forma como usa o cabelo. Embora a socialização recebida pela criança tenha vindo dos pais, apenas a criança poderá definir sua própria identidade étnica, o que costuma ser um dilema para a etnicidade da criança, pois ela não costuma entender e nem sabe como se sentir. Podendo se ver como não-negra, tentando reprimir suas raízes, já que o racismo opera inconscientemente, a criança irá atribuir o fato de ser negra a algo ruim, muitas vezes invalidando sua etnia. No entanto, há casos também em que a criança em contato com o mundo exterior começa a se identificar com pessoas semelhantes a ela, o que desperta a curiosidade sobre si mesma. Sendo assim, a identidade é algo que sempre estamos buscando enquanto indivíduos, quase como uma sensação de que algo esteja em falta. Por isso, cada indivíduo traça sua própria identidade através de suas relações sociais e sua própria trajetória de vida (Rodrigues; Bonfim, 2023).

3.2. Padrões Culturais

Os padrões culturais de uma sociedade são marcados pelos valores, crenças, costumes e comportamentos que cada pessoa desenvolve. Normalmente, tais padrões são aprendidos e internalizados no decorrer da vida, tornando-se algo natural e imperceptível, que representa aquele indivíduo enquanto cidadão, fazendo parte de suas ideologias.

Segundo Hoebel & Frost (1981), cultura é o sistema integrado de padrões de comportamento apreendidos, os quais são característicos dos membros de uma sociedade e não o resultado de herança biológica. A cultura não é geneticamente predeterminada; é não-instintiva. É o resultado da invenção social e é transmitida e aprendida somente através da comunicação e da aprendizagem. (Mendes; Natário; Braga, 2015, p. 1)

Podemos dizer que os padrões culturais que internalizamos durante nossa socialização não são resultado de uma origem biológica, até porque se uma família possui um filho adotado, essa criança irá aprender os costumes e crenças daquela família, porque lhe foi ensinado. Entretanto, muitos dos padrões culturais que aprendemos vem da família: se a família é religiosa, mais conservadora ou liberal, pode-se ter uma noção a respeito de sua religiosidade de acordo com a rotina da família, se costumam comer juntos todos reunidos à mesa, se vão à igreja com frequência, qual a opinião política, como trata a questão de gênero e etnia.

É notável que a base familiar é importante para o período de socialização de uma criança, pois é durante esse processo que ela aprenderá sobre os padrões culturais e passará a internalizá-los, como forma que deve se comportar nos lugares, o desenvolvimento da consciência corporal que lhe foi ensinada, as formas de andar e falar. Além disso, os valores e crenças começam no estágio inicial, quando a criança começa a entender o significado de cada coisa. Sendo assim, a criança aprenderá como rezar/orar de acordo com a religião que os pais ensinam, desenvolverão a noção de certo ou errado, bonito ou feio, e assim vão internalizando padrões ditados diante da cultura que lhe foi apresentada.

Os padrões culturais impactam de tal forma a vida da criança que, etnicamente, ela pode demorar a descobrir-se como uma pessoa negra, e muitas vezes tem que passar por toda a confusão e frustração de não pertencimento, assim como as imposições de gênero que são intrinsicamente atribuídas desde seu nascimento. Portanto, tais padrões, na maioria das vezes, podem ser mais prejudiciais do que benéficos durante o processo de socialização, pois os pais

atribuem muito de sua cultura e de como foram socializados na criação de seus filhos. Sem que haja liberdade para que escolham se seguirão ou não uma religião, se usarão o cabelo de determinada maneira, ou uma roupa que representa sua personalidade, assim como os valores que aquela criança queira seguir.

3.3. Identidade Étnica

Enquanto indivíduo de etnia diferente, o processo da construção de sua identidade se dá a partir do momento em que se reconhece diferente dos demais que fazem parte do seu ciclo social. Especificamente quando se é negro, o indivíduo dependendo do meio em que foi socializado, pode não se reconhecer como tal, podendo se autoneamar como “moreno(a)”, pois ser visto como negro seria como declarar sua morte, socialmente, e estar aberto a sofrer discriminação pela cor de sua pele. Porém, se declarar negro é muito mais do que reconhecer que sua pele é mais escura do que uma pessoa branca, é ter consciência que ninguém nasce negro, torna-se negro:

Saber-se ser negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas expectativas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades. (Souza, 2021, p. 46)

Dito isso, durante essa construção identitária, Kabengele Munanga (2020) afirma que uma “identidade cultural perfeita” seria um caso ideal que corresponderia à presença simultânea de três componentes: fator histórico, linguístico e o psicológico. É importante ressaltar que o negro enquanto indivíduo passa por momentos de confusão, de sentimento de não pertencimento, em busca de se encontrar, reconhecer-se diante de si mesmo. Assim sendo, o fator histórico se faz necessário para que seja possível entender sobre a história daquele povo. Com isso, o indivíduo cria uma conexão com seus ancestrais, e essa consciência história transmite a sensação de segurança, de o negro se reconhecer diante daqueles que se parecem consigo, que mesmo em contextos distintos foram oprimidos economicamente e discriminados racialmente. É importante lembrar da história, para que não caiamos em esquecimento. Enquanto os negros lembrarem do que seus ancestrais passaram, não permitirão que o mesmo se repita.

O fator linguístico foi apagado aos poucos pelos colonizadores, fazendo com que a língua predominante fosse a daqueles que os oprimiram, sendo presente apenas em alguns terreiros religiosos. Porém, os negros tiveram que se reinventar, visto que não poderiam deixar que sua cultura fosse apagada totalmente, então criou-se outra forma de se comunicar e de se expressar. Atualmente essa variação se demonstra através das variações de cabelos, seja ele crespo, cacheado: foram criadas diversas formas de como utilizar este cabelo que até então era considerado ruim, podendo fazer tranças, prender de vários jeitos, fazer baby hair, usá-lo solto estilo black power. Assim como a forma de se vestir e o estilo musical que atribuem marca a esta identidade negra.

Sobre o fator psicológico, Munanga (2020) questiona se o temperamento do negro é diferente do branco, e se poderia ser uma marca para a construção de sua identidade. Podemos dizer que a psique do negro possa ser mais afetada diante da realidade em que vive, tendo que lidar com o racismo ou por sempre ter que lidar com suas inseguranças, além da briga interna com seu corpo, a não aceitação. Essa busca infinita por respostas só terminará quando o indivíduo finalmente se aceitar como negro. Desse modo, acredito que o fator psicológico do negro exerça determinada influência nessa busca pelo “eu”.

Por conseguinte, o indivíduo que nasce com a pele mais escura e não se reconhece como negro passa boa parte da sua vida lidando com suas inseguranças. O primeiro passo para essa busca pelo conhecimento de si é por passar por situações de discriminação, e muitas vezes não entender o que aquela atitude quer dizer, por nem sempre o racismo ocorrer de forma explícita, podendo até, às vezes, ocorrer forma de brincadeira. Com isso, o indivíduo sente-se desconfortável, mas não entende porque sofre aquele tipo de situação. O primeiro sinal desse racismo é sempre relacionado ao corpo, e normalmente é por causa dele que o negro desenvolve um sentimento de ódio por si mesmo, passa a não gostar de seu tom de pele, do seu cabelo, abomina seu nariz e boca largas. Em decorrência das ações da etnia dominante, o negro se reprime cada vez mais achando que o problema está em si mesmo, por não ter nascido branco ou até mesmo por não saber como reagir e se defender diante de situações racistas:

[...] a alienação do seu corpo, de sua cor, de sua cultura e de sua história e consequentemente sua “inferiorização” e baixa estima; a falta de conscientização histórica e política, etc. Graças à busca de sua identidade, que funciona como uma terapia do grupo, o negro poderá despojar-se do seu complexo de inferioridade e colocar-se em pé de igualdade com os outros oprimidos, o que é uma condição preliminar para uma luta coletiva. A recuperação dessa identidade começa pela

aceitação dos atributos físicos de sua *negritude* antes de atingir os atributos culturais, mentais, intelectuais, morais, psicológicos, pois o corpo constitui a sede material de todos os aspectos da identidade. (Munanga, 2020, p. 19)

O corpo irá ter um papel importante, tanto na discriminação, visto que o primeiro passo é ofender o corpo negro, assim como em sua aceitação. O indivíduo que passou a vida toda tentando se embranquecer, começa a resgatar seus traços negroides, e encontra beleza em um corpo que já tinha sido maltratado para se forçar os estereótipos brancos. Podemos ressaltar que o cabelo afro tem um papel importantíssimo nesse caminho para fazer as pazes com o corpo, em específico para as mulheres, para quem o cabelo costuma ser um fator determinante para fazer com que se sintam bonitas ou não. Muito se atribui a ter o cabelo longo e liso, e durante muitos anos as mulheres negras foram submetidas a utilizar produtos químicos para alisar o cabelo, o que permanece até os dias de hoje, e ainda assim eram consideradas feias, ou ainda tendo o cabelo considerado ruim. Quando a mulher negra toma consciência de que nunca conseguirá se enquadrar nos estereótipos mesmo que tente, vem a aceitação do cabelo natural: elas descobrem penteados que podem fazer para deixar seu cabelo mais bonito, aprendem que tipo de creme utilizar para deixar o cabelo definido e volumoso, e isso começa a ganhar força entre as mulheres negras, que passam a amar cabelos que tanto foram chamados de “duro, pixaim, bombрил”.

Ao tomar consciência de que nunca irá ser aceito socialmente mesmo que tente se embranquecer, o negro retoma a suas origens, de aceitar sua cor, seu cabelo, de fazer as pazes com o seu corpo. Entretanto, Munanga (2020) argumenta que a identidade negra não nasce apenas da aceitação da cor de pele e de reconhecer que é diferente dos brancos etnicamente. A *negritude* não vem apenas de ser negro, mas do “do fato de terem sido vítimas das piores tentativas de desumanização e de terem sido suas culturas não apenas de política sistemáticas de destruição, mas, mais do que isso, de ter sido negada a existência dessas culturas” (Munanga, 2020, p.19). Ou seja, a negritude seria a busca ansiosa e desesperada por essa cultura que lhes foi roubada, e agora estão tomando de volta aquilo que um dia foram deles por direito.

Podemos dizer então que “a negritude faz parte da sua luta para reconstruir positivamente sua identidade” (Munanga, 2020, p. 20), ao mesmo tempo em que deve ser um refúgio e lugar seguro para as vítimas do racismo estrutural, um lugar onde é possível encontrar um afago em seus ancestrais, ao mesmo tempo em que lutam pelos seus direitos e espaços de poder na política.

Dessa forma, quando colocamos em ênfase uma família inter-racial, na qual a criança negra está sendo socializada por uma família branca, a construção dessa identidade étnica será

lenta e até tardia, pois a criança está inserida em um ambiente majoritariamente branco. A depender da idade da criança, ela sequer terá noção da diferença de etnia entre sua família. É necessário chegar em uma idade em que a criança possa formar suas próprias opiniões, para que assim a questão de etnia seja discutida. A própria criança, quando inserida em outros ambientes, como por exemplo a escola, terá contato com mais pessoas da sua idade, e assim começam a surgir dúvidas, angústias, por não saber o que sentir quando sofre racismo. Até aquele momento, a criança muitas vezes sequer se autodenomina como “negra”.

Outro ponto importante é que os próprios pais podem impedir que a criança se reconheça como negra, sempre a levando para caminhos da branquitude, tanto esteticamente, como na forma de se comportar nos lugares, de sempre ter que ser educado, e não poder ser grosseiro com as pessoas, atribuindo um mau comportamento a pessoas negras, mas que a criança não é, muitas vezes chamando-a de moreno(a) ou pardo. Desde sempre, a criança irá crescer com esse pensamento negativo com relação a ser negro, e ela própria aprende a ser racista consigo mesma, negando seus traços negroides. E os pais, alegam apenas estarem protegendo seu filho(a) do mundo racista, com essa super proteção, acabam reprimindo a criança de ser o que ela quiser ser.

A etnia sempre vai ser uma questão forte em uma família inter-racial. O caminho que os pais decidem seguir com esse assunto interfere significativamente na construção étnico-racial de uma criança negra em formação, visto que a criança interioriza o que os pais lhe ensinam. Seguindo os comandos morais que lhe são ensinados, a criança irá incorporar aqueles ensinamentos e reproduzi-los futuramente. Entretanto, a forma como a criança é socializada não determina que ela seguirá determinados padrões culturais por toda a vida. Em um determinado momento em que ela atinge a adolescência, por exemplo, começa então a formar seus próprios valores e a construção de sua própria identidade, podendo divergir de seus pais.

Afinal, a consciência é basicamente a interiorização (ou melhor, a presença interiorizada) dos comandos e proibições de ordem moral vindos do exterior. Tudo teve início quando, em certo ponto do processo de socialização, um outro significativo disse “faça isso” ou “não faça aquilo”. À medida que a socialização foi levada avante, a criança passou a identificar-se com esses postulados morais. (Berger; Berger, 1977, p. 209).

4. “MÃE, EU SOU DIFERENTE DA SENHORA, PORQUE A SENHORA SEMPRE SERÁ BRANCA”

A família inter-racial foco do presente estudo tem como chefe uma mãe que possui três filhos, sendo dois biológicos e uma adotada. Através da entrevista realizada com a mãe foi possível entender a dinâmica da família, com ênfase em sua filha adotiva, que é uma criança negra, foco de estudo da pesquisa. Sendo assim, tive acesso à vida da família a partir da perspectiva do olhar materno, mostrando suas preocupações, angústias, medos e, acima de tudo, o amor por seus filhos, partindo de uma mãe que teve que aprender que ser mãe de uma criança negra é diferente de ser mãe de uma criança branca.

Laura é uma mulher branca de 43 anos, criada em uma família branca de classe média, extremamente religiosa. Seu pai era um pastor. Ela se casou apenas uma vez com o seu marido até então, teve seus dois filhos, Davi, de 23 anos, e Daniela, de 16 anos.³ Diante desse contexto, surgiu a adoção da sua terceira filha. A proposta de adoção partiu de seu marido. Segundo Laura, seu casamento estava passando por uma crise, e ela não via sentido em adotar uma criança, principalmente por já ter seus dois filhos, e como a relação conjugal estava conturbada, não seria o melhor cenário para trazer uma nova criança. Contudo, ela aceitou, já que seu marido tanto queria adotar uma criança. Na época, Laura enfrentava uma relação conjugal abusiva, mas ainda assim fazia de tudo para tentar fazer a relação funcionar, afinal de contas, era de sua família que estava falando, ela tinha esperanças que as coisas se resolvessem. Ela enxergou a adoção como um recomeço, que podia indicar que tudo melhoraria a partir de então. Rebeca chegou, ainda recém-nascida, para os braços de sua mãe que relata haver sentido um amor profundo assim que segurou a filha nos braços pela primeira vez.

Para Laura nada importava, a não ser o amor e conexão que sentiu pela sua filha. No entanto, constato que sua filha era diferente dela, pois era uma criança negra, e a cor de sua pele e seus traços negroides definiriam o rumo de sua vida. Quando a Rebeca tinha apenas 2 anos, Laura se divorciou do marido e foi viver com seus filhos. Ela passou então a ser a chefe da família, foi estudar, fez graduação, ingressou no curso de mestrado e está atualmente fazendo doutorado. Ela adquiriu bastante conhecimento no meio acadêmico, mas quando se trata dos

³ Os nomes utilizados na pesquisa foram modificados para preservar a entrevistada e seus familiares.

próprios filhos, entendo que às vezes é difícil sabermos como reagir a certos tipos de situação, principalmente algo que nem Laura, nem ninguém de sua família nunca tinha sofrido: racismo.

Laura relata que seus filhos ficaram muito felizes com a adoção da irmã mais nova e a aceitaram muito bem, enquanto que o resto de sua família não teve a mesma reação no início, pois sabiam sobre as condições de seu casamento, e não achavam prudente adotar uma criança naquelas circunstâncias. Atualmente, ela mora com as duas filhas em Campina Grande, enquanto seu filho mais velho está terminando os estudos e mora em uma cidade vizinha. Ela relatou sobre a proximidade de seus filhos, principalmente Rebeca e seu irmão mais velho, Davi, chegando a brincar dizendo que Daniela sente ciúmes da relação deles e da atenção que a irmã recebe. Quando questionei sobre a relação das meninas, já que elas convivem diariamente, Laura disse que as duas se dão bem, e justifica o porquê de dar mais atenção a Rebeca:

A outra já é mais... Como é que se diz, independente, mais forte, tem as opiniões dela, gosta de ler demais, gosta de desenhar o quarto. Rebeca, ela já é uma criança... Eu noto ela mais sensível, então por essa sensibilidade tanto eu quanto o irmão que somos mais presentes na vida dela de forma bem efetiva damos mais atenção. A Daniela também, só que a gente já acha ela mais.. É... como se ela soubesse se defender. Rebeca tem um temperamento mais passivo, Daniela não...

Faço uma observação mental de que, esse cuidado extra com a Rebeca se dá a partir do racismo que ela sofre, visto que a mãe se mostra bastante preocupada com as situações que sua filha vivencia. Contudo, o fato de ela ser sensível não deveria ser um problema, afinal de contas, ela é apenas uma criança em formação, tem permissão para ser livre e sentir as coisas da maneira que desejar. Ela não deveria ter que aprender a ser forte desde pequena só por ter nascido negra.

Conforme Rebeca foi crescendo, Laura percebia a forma que as pessoas que lhe cercavam falavam da sua aparência, percebia a forma como a tratavam. Atualmente, a mãe relata que percebe a diferença de tratamento da família entre seus filhos: enquanto seus filhos brancos são tratados normal, ela percebe indiferença com Rebeca, pela sua cor da pele diferente. Ela relata:

Olhe, ela se dá extremamente bem, eles tratam ela muito bem... É no começo da da... da... Quando ela era pequena eu lembro que alguns familiares, eu digo familiares assim, irmãos da avó, primos da avó, comentavam acerca da cor, do nariz da minha filha, algumas coisas, e eu fui começando, eu não tinha muita noção porque eu não estudava sobre o tema. Eu fui criada em uma família branca, naquela estrutura, então você de certa maneira, você fica alienado mesmo, é alienado, pronto, a palavra é alienado, você não tem muito... Eu achava estranho mas não combatia, eu achava aquilo estranho, mas aí minha filha me falava “ mãe, tia fulana de tal falou isso do meu nariz”, eu disse

“minha filha é porque é a idade”, num sei o que... Eu deveria... Hoje não... Hoje eu já sou enérgica, ninguém fala, tanto eu, quanto principalmente meu filho, a gente não permite. A avó paterna se dá muito bem, os primos também, ela não me relata nenhum tipo de racismo em relação à família, quando era pequenininha... Mas eu percebo, eu como mãe, né, eu posso até tá ficando viajando aqui, mas eu percebo que a relação deles... da vó paterna... é melhor com o meu filho e a minha filha... A Rebeca... Daniela aliás, apesar deles tratarem ela bem, viajam, tudo... Eu sinto isso sabe... Um sentimento meu.

É possível perceber que a mãe não sabia como lidar com esse tipo de situação, e principalmente o que falar para sua filha. Enquanto Rebeca era pequena, as coisas eram mais simples, Laura percebia o que as pessoas falavam de sua filha, mas não compreendia de fato a situação. Sendo assim, constato que nesse tipo de situação, os pais tendem a fechar os olhos para alguns assuntos, até para que a própria criança não acredite que aquilo seja verdade, tentam negar a existência do que está explicitamente exposto. Rebeca era uma menina negra, de cabelo cacheado e nariz largo, e isso incomodava algumas pessoas da família que tinham o fenótipo branco. Estas pessoas achavam de bom tom debochar de uma criança, que nem entendia o que estava acontecendo de fato. Ela sofria racismo desde pequena, mesmo que isso nunca tenha sido mencionado, mas são essas micro-agressões racistas que passam imperceptíveis nas relações mais próximas.

Hoje em dia, Rebeca já tem 13 anos e muita bagagem ganha em situações com as quais teve que lidar. Crescer em uma família branca pode ser difícil, quando você não se reconhece nas pessoas que você mais ama, e principalmente quando isso é usado contra você para lhe ferir de alguma forma. A mãe relata que sua filha nunca se importou com a diferença estética, ou em ser diferente dela e dos irmãos, até que alguém indiretamente apontasse essa diferença, e ela, ainda pequena, não entendia porque ninguém dizia que ela era parecida com sua mãe, aquela mulher que ela tanto amava e admirava. Ou seja, de acordo com o relato da mãe, entendo que embora Rebeca percebesse diferença entre ela, a mãe e os irmãos, ela não enxergava de forma negativa. Porém, apenas depois dos episódios de discriminação em que sofreu, algo que era positivo passa a ser um problema, se tornando algo doloroso para ela. A visão de outra pessoa sobre ela fez com que se sentisse, de alguma forma, menos filha da sua mãe, por ser adotada e negra.

Olhe... Eu vou lhe dizer... Ela era pequena, houve essa fase, ela entendeu porque era muito amada. Hoje eu percebo às vezes, às vezes eu já percebi algumas falas assim, que eu pedi... Pra até já cheguei a pedir para as pessoas quando me visitarem não falarem que meus filhos parecem comigo, porque sempre depois eu percebo que ela se sente mal, aí eu digo “minha filha sabe o que é que você parece comigo? Olhe a sua mão

como parece comigo”, sempre quando ela tá assim ela bota a mãozinha na minha e ela diz “mãe, sua mão é igual a minha”, eu digo a sua mão, olha o pé como parece, porque realmente, “olhe seu pé é igual”, aí sempre agora ela tá dizendo, quando alguém chega e diz, ela diz “minha mão é igual a da minha mãe”, sempre ela procura algo que busque se identificar comigo. E hoje eu percebo... Ah... Devido o que ela vem passando, a situação que ela passou na escola, uma certa tristeza né, eu percebo que às vezes esse ataque de falar: “você é uma criança negra e adotiva, sua mãe pode ser branca, mas sempre você será uma pessoa negra e adotiva”, porque ela nunca teve vergonha de dizer que era adotiva né, então isso aí mexeu muito com ela, aí eu disse “minha filha não tem diferença, você sabe, eu lhe trato diferente?”, e ela disse “não, mãe”.

É interessante pensar que a menina, de certa maneira, vivia em uma bolha, na qual era amada e cuidada por todos, e até quando sofria microagressões, sua mãe tentava contornar a situação para que ela não sofresse. Porém, conforme Rebeca crescia, isso acabou sendo inevitável, e o próprio amor se transformou em uma espécie de arma para afetá-la, usando o fato de ela não se parecer com a mãe para afetá-la. Pela forma que a mãe descreve a relação das duas, pode-se ver que existe muita cumplicidade entre elas. A admiração por parte da filha com a mãe inevitavelmente faz com que ela se espelhe em sua mãe durante a vida. Portanto, dizer que, mesmo tendo uma mãe branca, Rebeca nunca irá se parecer com ela, foi dito de tal forma para ferí-la intencionalmente. Sabe-se que a criança não precisa necessariamente ter os traços de sua mãe para parecer com ela. Porém, em alguns dos episódios de discriminação racial que ela sofreu, fica evidente que tentam ressaltar constantemente a diferença entre Rebeca e sua mãe, mas, até então, ela não achava que a diferença era um problema por sempre se sentir próxima da mãe, independente de suas etnias. Ela começa a sentir essa diferença com mais intensidade através do racismo que sofre, a cada vez que alguém deixa implícito que ela nunca irá se parecer com a mãe.

Embora a mãe se mostre um pouco avessa à igreja por momentos dolorosos que passou em sua vida, ela não proíbe que sua filha crie sua própria identidade e frequente a igreja, onde, em alguns momentos, encontra conforto. Laura me relata que sua filha tem uma proximidade com a família do pai, e que essa influência religiosa vem deles.

Convivi muito, com a família do pai, principalmente com o tio, irmão do pai, com a tia, que são evangélicos, leva ela muito para a igreja, e ela gosta muito dessa tia e dos dois primos, eles... Inclusive a prima dela também é negra, porque o tio dela casou com uma mulher negra, e que também é tratada diferente do meu filho né, essa prima dele, meu filho é um rapaz branco né, e eu percebo que agora não, mas quando era pequena tinha uma diferença no tratamento do menino para a menina. Aí ela se dá muuuito bem com essa prima, e ela se dá muuuito bem com a tia, demais.

Entre sua família majoritariamente branca, Rebeca conseguiu encontrar similaridade com sua tia, que é casada com o irmão de seu pai e com sua prima, fruto do casamento deles, que também são negras. Pergunto à mãe se ela acha que essa proximidade maior se referia a questão da etnia, a mãe confirma que sim, que acha sim que ela se aproximou por se identificar. Observo que para Rebeca, ela busca constantemente se reconhecer e se identificar com alguém semelhante, o que é normal, já que agora um pouco maior, ela percebe que é diferente de sua família nuclear, e sua mãe percebe esse comportamento da filha.

Minha filha estranha um pouco porque meus sobrinhos são extremamente brancos né, a minha família em si toda, e só tem ela assim né, da família tanto do pai, quanto da mãe, que é uma criança negra num é, talvez ela sinta solidão, mas tem a prima que ela se dá muito né... Eu acho... com certeza, com certeza... Mas tem uma diferença que ela tava me falando esses dias que eu achei muito bonito e interessante, eu não aliso o cabelo da minha filha e nem quero num é, já a prima alisa desde os oito anos, a mãe que quis porque disse que dava menos trabalho pra cuidar... Então é bem religiosa a mãe também... A o pai também achou melhor. Então hoje a prima tem 22 anos, é um ano de diferença do meu filho, e o cabelo tá caindo bastante e ela tem como se fosse uma depressão porque não consegue passar a transição né... Deixar o cabelo né. E quando a minha filha tinha de seis pra sete anos eu sofri uma pressão muito grande deles pra eu alisar... Mas na minha mente, embora eu num tivesse... Tava entrando no curso de sociologia ainda, mas eu já não deixei, porque eu tinha medo da química, eu tinha medo da... Hoje minha filha adora o cabelo dela, adora... adora... adora, não quer de jeito nenhum, ontem ela tava até me falando “tá vendo mainha, Gabi tá fazendo uma reconstrução porque o cabelo dela tá caindo todinho, tá caindo e o meu lindo”. Ela é super bem resolvida acerca do cabelo, entendeu.

A questão do cabelo é algo muito importante para meninas/mulheres. É a partir dele que parte a autoestima da mulher, e para mulheres negras, o cabelo é a primeira parte de aceitação dos seus fenótipos negroides. Embora Rebeca seja próxima de sua tia e de sua prima que são negras, ambas acabam negando seus traços “negroides” e cedendo aos estereótipos brancos. A ideia de que “fica mais fácil” de cuidar do cabelo é apenas para mascarar que não aceitam o cabelo e acham feio ou “ruim”, porque é isso que a sociedade acaba impondo. Apesar de se reconhecer em sua prima e tia, percebo que Rebeca não quis se igualar a elas nesse sentido, pois gosta do seu cabelo, e sua mãe tem um papel muito importante nesse trajeto ao aceitar a filha como ela é, e não querer que ela mude para se enquadrar no mundo em que ela vive. E mesmo diante dos casos de racismo que sua filha vem sofrendo, em parte por causa do cabelo, a mãe poderia querer alisar o cabelo de sua filha, mas opta por deixá-lo natural, exaltando para sua filha o quanto seu cabelo é bonito.

A mãe tem um papel importante para que a filha consiga construir sua própria identidade étnica, pois cresceu ouvindo que ela pode ser quem quisesse, sem pressão para ter que mudar sua aparência. Ao contrário, sempre teve apoio e respeito disso, então quando Rebeca diz que gosta do cabelo e não quer alisar, a mãe tem influência nisso, pois se Laura dissesse que o cabelo dela era complicado, feio ou assanhado constantemente, a menina não se sentiria bem na própria pele, e poderia querer mudá-lo, assim como sua prima, que mesmo tendo uma mãe negra, não teve o mesmo apoio para assumir seu cabelo e seus traços “negroides”. A mãe deixa claro isso quando me relata:

Não aliso não... Não tenho nada contra, se um dia ela quiser também não vejo problema por questões que ela queira... Por achar bonito, mas não que ela queira fazer porque ela não aceite ou ache feio, aí... Isso aí... já é bem conversado com ela, bem trabalhado.

Quando perguntei à Laura sobre a relação dela com a filha, ela se emocionou e falou:

Uma relação muito sincera, de muito amor, de muito respeito, eu me acho às vezes muito frágil não vou mentir, eu me acho muito frágil... Porque às vezes ela passa por certas situações que eu nunca passei, que os irmãos nunca passaram, e que eu também não tinha consciência que era uma dor pra ela, e que eu falo a ela: “minha filha me diga que eu resolvo”, ela diz “mãe, mas a senhora não entende”, então eu acho complicado nessa relação você ser uma pessoa branca... Sendo mãe de uma criança negra, porque você sente a dor, mas você não sente como ela, apesar de ela expressar, de ela falar, mas ela sempre diz “mas a senhora não entende”, mas às vezes eu digo, “mas eu quero entender, se você falar”...

A mãe demonstra essa preocupação de forma recorrente, por não conseguir entender como a filha se sente, como é ser uma menina negra criada em uma família branca, onde todas as pessoas que ela mais admira são pessoas brancas. Sua percepção de coisas boas, para ela, sempre serão atribuídas à branquitude, uma vez que a própria mãe, por quem ela nutre tanto amor e admiração, é branca. Conseqüentemente, quando Rebeca sofre racismo, ela se culpa por ser negra, pois isso só acontece por ter uma aparência diferente. Ela atribuirá pensamentos ruins a ser quem ela é, ao passo que coisas boas estarão relacionadas à branquitude, já que sua mãe e irmãos estão lhe apoiando e sempre lhe enaltecendo. A frase mencionada por Laura, “mãe, mas a senhora não entende”, é vinda de um lugar de dor, no qual a mãe nunca irá entender o que é sofrer racismo, ou ter seu cabelo discriminado, porque ela sempre será branca, e a própria mãe tem essa consciência.

Mas pra gente é difícil porque... Como nós nunca passamos por isso, e agora a gente tá vendo efetivamente, ela pequena é como se a gente conseguisse proteger, ou ela não compreendia, ou a gente também não tinha leitura suficiente sobre o assunto, mas hoje que eu tenho plena consciência e ele também, e ela tá expressando as dores, e agora nós conseguimos ver a dor estampada, materializada no corpo... Então isso foi... um... um... Não sei te explicar não.. Foi uma dor terrível pra ela principalmente, que tá se recuperando.

Durante toda a entrevista, a mãe relata sobre os casos de racismo que sua filha sofreu nas escolas em que estudou, e por conta desses múltiplos casos, ela sempre mudava sua filha de escolas constantemente, fazendo com que ela não conseguisse se adaptar ou criar vínculos, até o presente momento.

Olhe... Ela sempre estudou em escola, colégio particular, então eu pensei o seguinte, este ano eu vou mudar das escolas particulares que ela estudou, e vou colocar em uma escola estadual, porque eu pensei bom, na escola estadual, tem mais contato, as crianças do bairro, só que eu esqueci que a escola é estadual, mas o bairro Alto Branco, então mesmo sendo uma escola estadual às crianças que estudam lá são crianças na sua grande maioria brancas também, aí ela sofre o mesmo tipo de ataque, apesar de eu perceber uma diferença muito grande, meu filho também percebeu essa diferença, ela conseguiu fazer mais amizades, ela leva duas coleguinhas dela lá pra casa que ela não levava das outras escolas, mas ela leva duas amiguinhas, muito amiga dela e ela adora e eu recebo as meninas com toda alegria.

E segue o relato:

E eu percebo que ela conseguiu fazer esse tipo de amizade, que ela não conseguia nas outras escolas, e isso pra mim foi positivo, isso me alegrou. São negras, duas crianças negras, e o cabelo também parecido com o dela também, isso daí eu percebo que talvez ela se identificou e ficou confortável, então elas vão lá pra casa e ela adora.

Apenas quando mudou Rebeca para uma escola estadual ela conseguiu criar vínculos, fazer amizades com as quais conseguiu se identificar, e novamente observo que isso acontece porque suas amigas também são meninas negras, que também possuem o cabelo cacheado, de acordo com a mãe. Ou seja, segue essa constante busca pela identificação com seus semelhantes, alguém que entenderá e compartilhará da mesma dor que ela sente, e alguém que, ao mesmo tempo, permita que ela encontre conforto e beleza na negritude, de estar cercada por pessoas que se parecem com ela, e que ela possa admirar e enaltecer, não apenas pessoas para entender sua dor, mas pessoas de quem ela possa se orgulhar.

Quando falava sobre as escolas que sua filha já estudou, sempre eram escolas particulares de classe média, nas quais a maioria dos alunos eram brancos ou pardos. Ao contar uma situação em que um colega de classe xingou o cabelo de sua filha, e Laura foi até a escola para tentar resolver, a escola, no geral, tanto coordenadores, quanto professores, não demonstravam posturas para proteger e impedir Rebeca de passar por esse tipo de constrangimento. Pelo contrário, tais representantes das escolas culpavam indiretamente a mãe por não prender o cabelo de sua filha.

Então eu pensei, quer dizer que eu vou fazer o que, vou ter que adequar, ela... Minha filha vai ter que se adequar, como a professora disse a ela, “mãe, faça o seguinte, pra evitar que ela passe por este constrangimento, mande a sua filha de cabelinho amarrado pra escola”, digo então eu disse “minha filha vai ter que se adequar a toda a turma pra não sofrer nenhum tipo de... ela não pode ser ela? É assim professora?”, foi quando eu decidi tirar ela e colocar na estadual.

Então ela mudou de escola este ano, e de acordo com a percepção de Laura, tudo estava indo bem. Ela estava fazendo amizades, estava feliz novamente. Até que ocorreu outro episódio de racismo, dessa vez o mais sério segundo Laura, pois ela externalizou essa dor em seu corpo.

Olha foi o seguinte, ela relatou que recebeu no WhatsApp né, ela tava cortada e eu vi né, perguntei “o que foi isso nos braços minha filha”, ela já tava no segundo braço, parece que foi Deus, foi de manhã quando eu cheguei no quarto que eu tava indo pra faculdade, eu fiquei apavorada, ela ficou com o estilete né, eu fiquei “oxe, que é que ta acontecendo minha filha”, ela disse “mãe, num tem aquela foto que eu postei com a senhora?”, quando eu cheguei de São Paulo né, ela foi me pegar no aeroporto com minha tia, aí ela tirou uma foto abraçadinha comigo aqui no rostinho dela perto do meu, aí ela postou essa fotozinha no status do WhatsApp, então o que era que dizia no status, dizia o seguinte, era uma declaraçãozinha pra mim, aí um mandou assim “do que adianta você ter uma mãe branca, se você sempre será uma negra adotiva” e apagou, então quando ela viu isso ela se cortou, aí o que foi que aconteceu, teve isso e eles estão fazendo isso na saída da escola.

Ao perguntar para filha quando essas agressões ocorrem, Laura relata:

E isso ocorre mais quando? Aí ela disse, “ocorre fora também quando eu tô com essas minhas duas amigas, eles ficam chamando de macaca”, as três, “feia, nariz de porco, de negra, rindo e isso é racismo e bullying né mãe?”, é as duas coisas minha filha, tudo que não presta.

Esse episódio de racismo que Rebeca sofreu, até então, foi o que mais a machucou, porque justamente tentaram dizer que ela era menos filha da sua mãe por ser negra, alguém que

ela ama tanto e que admira, a mãe que tanto a ama e a apoia nos momentos difíceis. Ao mesmo tempo que falam de sua aparência, algo que até então, de acordo com Laura, não era um problema. Segundo ela, a questão da adoção nunca tinha sido um problema até então. A questão da etnia sempre é levada em conta nessas agressões, como se Rebeca não merecesse nada do que tem por ser negra. Ela encontrou apoio com essas amigas, por passarem pela mesma situação que ela, pois sofrem racismo juntas, só que Rebeca é a única adotada e que tem a mãe branca, enquanto as pessoas que praticam o racismo desmerecem tal fato, argumentando que ela não merece ter uma mãe branca, como se fosse um privilégio que ela não merecia. Depois deste episódio, a mãe relata que a proibiu de ter outras redes sociais, pois tinha medo que Rebeca postasse uma foto e este tipo de comentário acontecesse novamente.

Entretanto, independente do racismo que sofre, quando pergunto sobre como Rebeca se identifica étnicamente, a mãe afirma que é como negra.

Sim, se identifica como negra. Eu digo, “minha filha”, quando eu converso com ela num é, aí ela diz “mãe, eu já sei o que é que a senhora quer dizer, eu sei que eu sou uma criança negra e que eu tenho que ser forte”, hoje eu converso muito sobre isso com ela, porque eu vi no corpo estampado a dor da minha filha né, e ela disse “eu sei que é por conta da minha cor”, e eu digo “mas minha filha você se vê como”, ela diz “mãe eu me vejo como uma pessoa negra, a senhora não tá vendo não, não tá enxergando, que eu sou uma pessoa negra?”. Ela diz a mim, “por mais que eu saia com meu irmão, de carro, e meu irmão é branco, por mais que vocês me protejam e me dêem esses presentes todos, não adianta quando eu saio”, ela fala isso pra mim, “não adianta quando eu saio, então eu sei que às vezes a senhora sofre quando me vê sofrendo”, e eu errava porque o que era que eu fazia, ia comprar roupas né, eu ia comprar... Eu ia tentar amenizar a dor dela, “minha filha vamos para o cinema, vamos... Vamos... O que é que você quer que eu compre pra você?”, tá entendendo? É como se eu não soubesse lidar com aquela dor, porque num... É... É... É difícil eu falar, porque eu sou a mãe e amo demais e não consigo entender o tamanho que é a dor dela, e por ela falar a mim assim “mãe, eu sou diferente da senhora”, aí isso daí me dói demais, porque ela diz “eu sou diferente, porque a senhora sempre será branca mãe, a senhora não vai compreender apesar de eu lhe amar demais, mãe”.

É perceptível que Rebeca não tem problema em se identificar como negra, mas é como se ela tivesse essa consciência por causa do racismo que sofre, quase como se associasse a negritude como algo ruim. Até mesmo a própria questão do cabelo, Laura relata que ela sempre aceitou o cabelo, sempre se achou bonita, mas depois do último episódio do racismo, a mãe diz que notou que Rebeca ficou mais triste, começou a se achar feia. Ou seja, novamente, ela muda a percepção sobre si mesma a partir do olhar do outro. Antes Rebeca enxergava sua negritude

como algo bom, conseguia enxergar beleza, e depois, passou a associar à tristeza e ao sofrimento.

Outro ponto interessante é que a mãe não viu problema algum em admitir que antes errava, pois negligenciava as situações de racismo que a filha sofria, sem de fato buscar entender como a filha se sentia e tentar defendê-la de quem praticou essas agressões. Hoje em dia, ela busca tentar entender a dor que a filha sente, ao mesmo tempo em que fala para filha ser forte, pois ela tem pessoas que a amam e sempre irão defendê-la.

Ela diz “eu acho meu irmão bonito, mas às vezes eu não me acho bonita”, eu digo “porque você não se acha bonita minha filha? Você é uma criança linda, você é uma criança perfeita, você é uma criança linda, seu cabelo é bonito, você é bonita, você é linda, você é estilosa, porque é que você não se acha bonita? Porque esses meninos, lhe chamaram de quê... De macaca e feia? A opinião deles, é a opinião deles, você tem que levantar agora, daqui pra frente, Rebeca, a cabeça e encarar”.

Não necessariamente a Rebeca precisa ser forte e encarar, pois sempre existe a ideia de que a pessoa negra tem que ser forte, porque situações assim sempre irão acontecer. No entanto, não podemos normalizar o racismo, e pessoas negras não precisam ser fortes sempre. Diante desse cenário, vejo que Rebeca busca suas amigas como um conforto, pois elas entenderão as situações pelas quais ela passa, havendo sororidade entre elas para se apoiarem em momentos como esse.

A vivência dentro de uma família inter-racial possibilitou à Rebeca ter acesso a muitas coisas, e por viver nesse cenário com sua mãe e irmã, é notório que ela consegue ter liberdade para ser quem quiser e se expressar. A mãe relata que ela é muito estilosa, gosta de arrumar seus cachos. Sobre suas roupas, Laura diz que o estilo de Rebeca mudou bastante. Antes a mãe a vestia com roupas que, segundo ela, não faziam seu estilo, e atualmente a mãe diz que ela gosta bastante de roupas folgadas, pretas, além de gostar de usar faixas no cabelo. Algo que chama atenção é o fato de ela gostar bastante de dançar, em específico o gênero hip hop.

Rebeca gosta de hip hop, dança e adora, ela adora hip hop, antes ela escutava assim Ney Matogrosso que eu gosto muito, Belchior, ela sabe muitas músicas de Belchior, gostava de dançar, mas hoje o estilo dela mudou totalmente, ela pega o celularzinho dela com as duas amigas, e eu só fico ouvindo né, num sei quais são, porque eu não acompanho esse tipo de gênero musical, mas quando eu fico escutando essas batidas né, e eu fico observando ela fazendo esses passos com as amigas né, dançando, ai ela fala “mãe isso

é hip hop a senhora não sabe não, é a música do momento”, aí eu digo “tá certo minha filha, vá dançar seu hip hop ali”.

O fato de Laura achar engraçado Rebeca dançar hip hop é curioso, pois é um estilo musical que tem descendência dos negros, também conhecido como rap, foi desenvolvido por afro-americanos. O fato de Rebeca se identificar com esse tipo de música, de dançar junto com suas amigas, não pode ser interpretado de outra forma, a não ser como o processo de descobrimento sobre sua cultura. É notório que ela está crescendo e descobrindo as coisas de que gosta, seja na forma de se vestir, seja no estilo musical, desde que faça sentido para ela e combine com a sua personalidade. Rebeca está tentando constantemente se conectar com sua cultura negra, seja buscando pessoas com a mesma etnia para se estar perto, seja em seu estilo. Essa busca por identificação é constante, pois, a partir da entrevista, é perceptível que crescer em uma família branca tem suas controvérsias: embora o diálogo e o apoio com sua família sejam bons, ela precisa entender o que significa ser uma pessoa negra, e enxergar o lado bom de ser uma menina negra, não apenas as coisas ruins e dores que tem vivenciado. Mais do que isso, como diz Neusa Santos (2021), ela precisa tornar-se negra.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Famílias inter-raciais foram o tema principal dessa pesquisa, mais precisamente, a estrutura específica composta por uma mãe branca, que possui dois filhos brancos e adotou uma criança negra. As famílias de etnias diferentes podem ter diversas configurações, podendo ter a junção de uma mãe branca com pai negro ou vice-versa, o que dará origem a filhos de etnias diferentes. Dentro de uma família inter-racial há maiores possibilidades dessas variações. Sendo assim, o objetivo de minha pesquisa era entender como ocorre a socialização de uma criança que cresce em meio a pessoas brancas, como ela desenvolve sua identidade étnico-racial, e como, tanto a criança, quanto a família, lidam com a questão do racismo.

A dinâmica de uma família inter-racial pode ser complexa, especialmente quando há diferenças étnico-raciais entre pais e filhos. A criança é exposta a diferentes culturas, tradições e perspectivas dentro de sua própria casa. Isso pode influenciar profundamente sua percepção de si mesma e de sua identidade. Dessa forma, durante minha pesquisa, feita a partir de um paradigma qualitativo, foi entrevistada a mãe dessa família selecionada, no qual ela era a chefe da família. A partir do olhar da mãe, foi perceptível que, para a filha mais nova dessa família, uma menina negra, crescer dentro de uma família na qual a maioria é branca é difícil.

Diante das informações obtidas, é possível analisar que a menina está passando por uma fase de se descobrir, de tentar encontrar sua própria identidade, ao mesmo tempo em que tenta lidar com o racismo que sofre constantemente na escola. Enquanto Rebeca crescia, absorvia os padrões impostos a ela pela mãe e pelos irmãos. A questão do racismo era negligenciado, embora a menina sentisse que era tratada de forma diferente, mas não era compreendida de fato. Algumas questões como a forma de se vestir, de se portar, como usar o cabelo, partiam, a princípio, das sugestões de sua mãe. Porém, houve uma mudança, notada pela própria mãe, que percebeu que, atualmente, ela busca descobrir o que gosta de fazer, o que acaba sendo “normal” na fase da adolescência pela qual Rebeca está passando. Embora ainda viva em um mundo cercado de pessoas brancas, que são sua família, Rebeca busca constantemente se assemelhar à cultura negra, mesmo que ela não tenha noção de que é isto que busca.

Essa própria busca incessante por pessoas negras para se assemelhar, vem muito de um lugar de dor, através do racismo em que Rebeca sofre. Como sua mãe e irmãos são pessoas brancas, nunca passaram por algo semelhante, e essa situação acaba impactando em sua família, principalmente Laura e Davi, que são mais presentes na vida dela, fazem de tudo para protegê-la.

Depois de perceberem que precisavam agir, começaram a tomar medidas em relação às escolas, reconhecendo que Rebeca estava sofrendo racismo, e decidindo que não iriam aceitar esse tipo de situação. Diante da entrevista, foi possível perceber que os casos de racismo que Rebeca sofre acabam afetando sua mãe, que não sabe como agir e o que fazer diante das situações que se apresentam a não ser mudar sua filha de escola várias vezes.

A questão da identidade étnica de uma pessoa negra se constitui socialmente, mas através do olhar da mãe, fica compreensível que a menina se reconhece como negra, aparentando ser bem resolvida quanto às suas características fenotípicas até que começa a enfrentar diversos episódios racistas, e passa a negar seu próprio corpo. A negação do corpo costuma ser a primeira fase pela qual uma pessoa negra passa ao sofrer racismo. Rebeca se acha culpada por ser negra, por ser como e quem é. Logo, passa a atribuir aspectos negativos de suas vivências à sua negritude, mesmo que a mãe e os irmãos digam que ela é bonita e que a opinião dos outros não importa. Este acaba sendo um ponto sensível, o que impacta sua confiança em si mesma de forma negativa e degradante. Entretanto, não podemos deixar de ressaltar que mesmo nesse meio em que vive, entre altos e baixos, Rebeca também está em busca da construção de sua identidade enquanto pessoa negra, que também tem seu lado positivo, como por exemplo a sua identificação com a prima e a tia, com as amigas que ela conseguiu fazer, que também são negras, e a sua relação com o hip hop, são elementos positivos que ela encontrou durante seu caminho, que fazem com que ela se sinta bem em seu próprio corpo. Trata-se de um conflito que envolve sofrimento, mas também contradição e resistência.

Ainda assim, é perceptível que a mãe não tenta interferir ou mudar a negritude de sua filha. Pelo contrário, Rebeca tem apoio para ser da forma que quiser ser. Porém, considerando o fato dessa criança negra crescer em uma família na qual todas as referências e culturas que ela incorpora são da branquitude, é normal que, ao sofrer racismo, ela se questione e tenha sua autoestima afetada, visto que, dentro do meio em que foi socializada, nunca houve referência de pessoas negras para seguir, e até a tia e prima, ambas negras, acabaram se embraquecendo aos poucos. Rebeca não poderia ver a sua negritude como algo positivo e digno de orgulho, passando então a se questionar e duvidar de si mesma, externalizando essa dor em seu corpo por meio da mutilação.

Ao examinar essas questões, a pesquisa pode contribuir para uma compreensão mais profunda dos desafios e das experiências de crianças negras em famílias inter-raciais, sendo

possível observar os desafios existentes, enquanto pessoa negra, para crescer e obter sua própria identidade étnico-racial diante de uma família branca. Tal conclusão nos oferece a percepção de como é para uma pessoa negra viver em um mundo no qual sofre racismo, e em que as pessoas que lhe cercam e que estão em posições privilegiadas sempre são pessoas brancas. Contudo, reitero que esse é apenas um estudo de caso, e não deve ser utilizado ou apreendido de modo a generalizar a percepção de que todas as famílias inter-raciais terão o mesmo desempenho. Cada família é diferente, principalmente em suas configurações, e a forma como os pais lidam com a questão étnica em muito definirá como será a formação dessa criança.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- BAUER, Martin, GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 7ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- BERGER, Peter L.; BERGER, Brigitte. Socialização: como ser um membro da sociedade. FORACCHI, M. M. & SOUZA MARTINS, J. S. (Orgs.). **Sociologia e Sociedade: leituras de introdução à sociologia**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1973, p. 200-214.
- BORDIEU, Pierre. **Meditações Pascalianas**. Trad. Sergio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa Qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- FERNANDES, Florestan. **O Negro no Mundo dos Brancos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.
- GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- GOULD, Julius; KOLB, William L. **A Dictionary of Social Sciences**. Nova Iorque: The Free Press of Glencoe, 1964.
- MARCHI, R. As Teorias da Socialização e o Novo Paradigma para os Estudos Sociais da Infância. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 34, n. 1, p. 227-246, 2008.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude: uso e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras**. tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- RODRIGUES, Vera; BONFIM, Marcos Antonio Lima. Identidade. *In*: RIOS, Flávia; SANTOS, Marcio André dos; RATTS, Alex. **Dicionário das relações étnico-raciais contemporâneas**. São Paulo: Perspectiva, 2023.

SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos. “Família e ‘socialização’: um aspecto da evolução social contemporânea”. **Análise social**, v. VII, n. 25-6, p. 67-8, 1969.

SANTOS FREITAS, R. C. D’AFFONSECA, S. M. (2023). O racismo enraizado nas famílias inter-raciais de São Paulo. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, p. 1-12, 2023.

SEYFERTH, Giralda. As ciências sociais no Brasil e a questão racial. In: DA SILVA, Jaime; BIRMAN, Patrícia; WANDERLEY, Regina. (Orgs.). **Cativeiro e Liberdade**. Rio de Janeiro: UERJ, 1989.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Famílias inter-raciais: tensões entre cor e amor**. Salvador: EDUFBA, 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

ANEXOS

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto de pesquisa: **Família Inter-Racial: um estudo de caso sobre a socialização de uma criança negra criada por pais brancos.**

Pesquisador Responsável: Nathália Gibson de Freitas Levy

Você está sendo convidado (a) para ser participante do Projeto de pesquisa intitulado “**Família Inter-Racial: um estudo de caso sobre a socialização de uma criança negra criada por pais brancos.**” de responsabilidade do (a) pesquisador (a): Nathália Gibson de F. Levy

Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Caso se sinta esclarecido (a) sobre as informações que estão neste Termo e aceite fazer parte do estudo, peço que assine ao final deste documento, em duas vias, sendo uma via sua e a outra do pesquisador responsável pela pesquisa. Saiba que você tem total direito de não querer participar.

1. O trabalho tem como objetivo compreender como a relação com pais brancos pode influenciar no processo de socialização étnico racial de uma criança negra criada em uma família inter-racial de Campina Grande, busca-se entender quais são os padrões culturais preservados na formação de seus valores, crenças, para que seja possível identificar como a criança lida com sua identidade étnico racial.

2. A participação nesta pesquisa consistirá em um estudo de caso com ênfase na criança negra quando inserida em uma família inter-racial composta por pais brancos, como essa relação pode influenciar em sua socialização. Para obter as informações necessárias para preencher as diversas questões da pesquisa, será necessário coletar informações da família, da criança, entender todo o contexto em que aquela criança está inserida, as pessoas que fazem parte de sua vida, sua rotina, entender e saber interpretar as diversas ações que os pais têm com a filha adotiva, e como a mesma reage diante da realidade que lhe é apresentada. As entrevistas serão realizadas pela

pesquisadora diante do projeto, em no máximo quatro visitas, com duração de uma hora cada entrevista, sendo realizadas se possível na casa da entrevistada.

3. Durante a pesquisa haverá riscos de se abordar um assunto mais sensível para os membros da família, mas para o melhor desempenho tanto na pesquisa, como para os participantes, se evitará aprofundar em questões que se apresentarem desconfortáveis para os entrevistados, além de contarmos com acompanhamento e assessoria da psicóloga. Sabendo que o participante tem total direito de não participar, e se participar tem o direito de parar a qualquer momento.

4. Os benefícios com a participação nesta pesquisa serão entender melhor como ocorre a socialização da criança negra enquanto componente de uma família onde a maioria é branca. A pesquisa ajudará a entender como a criança se sente, se percebe diante de situações postas à ela. Como essa relação inter-racial pode afetar a criança em sua formação enquanto indivíduo.

5. Os participantes não terão nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderão retirar sua concordância na continuidade da pesquisa a qualquer momento.

6. Não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar aos voluntários pela participação, no entanto, caso haja qualquer despesa decorrente desta participação haverá o seu ressarcimento pelos pesquisadores.

7. Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente da participação no estudo, os voluntários poderão pleitear indenização, segundo as determinações do Código Civil (Lei nº 10.406 de 2002) e das Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde e o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

8. O nome dos participantes será mantido em sigilo, assegurando assim a sua privacidade, e se desejarem terão livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que queiram saber antes, durante e depois da sua participação.

9. Os dados coletados serão utilizados única e exclusivamente, para fins desta pesquisa, e os resultados poderão ser publicados.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com Nathália Gibson de F. Levy, pesquisador (a) responsável pela pesquisa, telefone: 83 99839-2105, email: nathgibson12@gmail.com, ou com o orientador Prof. Dr. Ronaldo Sales Jr., telefone: 81 9940-3700, email: ronaldo.laurentino@professor.ufcg.edu.br

Eu, _____, RG nº _____
declaro ter sido informado e concordo em ser participante do Projeto de pesquisa acima descrito.

Campina Grande, _____ de _____ de 20____.

Assinatura do participante

Nome e assinatura do responsável por obter o consentimento

ANEXO 2**ROTEIRO- ENTREVISTAS****Perguntas para à Mãe**

1. Como é o seu nome?
2. Qual é a sua idade?
3. Estado civil?
4. Qual a sua profissão?
5. Possui alguma religião?
6. Onde você mora?
7. Com relação à sua cor, como você se define?
8. Quantos filhos a senhora têm?
9. O que levou a senhora a adotar sua filha?
10. Com quantos anos ela foi adotada?
11. Como foi a introdução da sua filha na família?
12. Como os parentes reagiram com a adoção?
13. Como é a sua relação com a sua filha?
14. Como é a relação da sua filha com o pai?
15. Como é a relação da sua filha com os irmãos?
16. Sua filha sabe que é adotada? Se sim, como ela reagiu a essa notícia?
17. Qual a escola que ela estuda?
18. Como é a relação da sua filha com os colegas de classe?
19. Referente a cor da pele, você sabe dizer qual a cor que ela se identifica?
20. Como ela entende as diferenças físicas entre vocês?
21. O que vocês costumam fazer no tempo-livre?
22. Qual a rotina do dia-a-dia?
23. A senhora deixa sua filha ter celular e usar redes sociais?
24. Sua filha sofre ou já sofreu racismo?
25. Como a senhora se sente ao presenciar esse tipo de situação?
26. A sua filha consome algum tipo de leitura sobre negritude?
27. A senhora induz ela a assistir filme com personagens negros?